

Razzini, Selma Ines.

Terceira Idade na contemporaneidade: As transformações no papel da família da mulher viúva / Selma Ines Razzini. – São Paulo, 2013.

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Especialista em Terapia de Família e Casal do Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. Família 2. Ciclo Vital 3. Envelhecimento 4. Terceira idade

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

**TERCEIRA IDADE NA CONTEMPORANEIDADE:
AS TRANSFORMAÇÕES NO PAPEL DA FAMÍLIA DA
MULHER VIÚVA.**

SELMA INES RAZZINI

São Paulo

2013

SELMA INES RAZZINI

**“TERCEIRA IDADE NA CONTEMPORANEIDADE”
AS TRANSFORMAÇÕES NO PAPEL DA FAMÍLIA DA
MULHER VIÚVA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Especialista em Terapia de Família e Casal do Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luíza R. Meijome Piszczman.

São Paulo

2013

AGRADECIMENTOS

A Maria Luiza, minha orientadora, agradeço pelo apoio competente, delicado e respeitoso.

As mulheres participantes da pesquisa, por terem gentilmente me recebido e compartilhado suas histórias de vida.

A minha grande família de origem, pela compreensão das minhas ausências nas nossas muitas festas e reuniões. A Silvia Rasini, pelo olhar carinhoso e a leitura crítica. A poderosa chefona Anita, mãe sábia e incentivadora, obrigada pela ajuda essencial nessa pesquisa.

A minha família atual, meu marido Moacir e minhas filhas, por terem suportado me dividir com pilhas de livros. Este apoio e incentivos constantes são a base da realização de todos os projetos que sonhamos juntos.

A minha querida Monique Fernandes, amiga de todas as horas, parceira na construção dos conhecimentos da Psicologia e na jornada da vida, muito obrigada.

As energias do universo que se constelaram para realizar sonhos acalentados...

RESUMO

Minha proposta neste estudo foi investigar a dinâmica relacional da família na fase última do ciclo vital. Partindo da perspectiva das vivências da mulher viúva, idosa, morando sozinha, inserida em movimentos de terceira idade, interessou compreender a percepção dos papéis vivenciados por ela, dentro da sua família de origem e na família estendida da atualidade. Estas mulheres parecem estar quebrando os paradigmas de comportamento esperado para uma idosa que anteriormente agia como frágil dependente da família e dos filhos para conduzir a fase final da vida. Elas sempre se viram e foram vistas somente como filha, esposa e mãe de alguém e agora, passam a viver de forma mais significativa e independente. Esta pesquisa se justificou pela importância da produção de conhecimento na área da Psicologia do Envelhecimento, considerada hoje uma área emergente e, pela possibilidade de gerar espaços para reflexão sobre o papel da mulher viúva e idosa na família. A teoria Sistêmica e os conceitos da Teoria do Ciclo Vital de vida familiar fundamentaram a compreensão dos fenômenos. Fiz uso da pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo, realizando entrevistas semi estruturada com três voluntárias com idades entre 70 e 78 anos e, utilizando da interpretação fenomenologia hermenêutica para análise. Compreendi que, papéis tradicionais de família são mantidos e outros são desenvolvidos, oriundos das novas experiências geradas nas interações entre os sistemas familiares e sociais onde as mulheres idosas passaram a frequentar. Estes resultados apontaram para uma efetiva quebra de paradigma na condução da fase última do ciclo vital, evidenciando uma apropriação de novos objetivos para a vida e projetos futuros. Isso se deu pela autogestão da vida pessoal, social e emocional, no trânsito pela família estendida, reconquistando sua individualidade e independência. Estas mulheres viúvas e idosas conseguem identificar as perdas e virtudes da velhice, acessar recursos, até então não explorados, para programar e sustentar novas ações do mundo, evidenciando assim que, mesmo na fase final da vida, ainda é possível operar mudanças, porque o ser humano nunca é um produto acabado.

Palavras chaves: Família; Ciclo Vital; Envelhecimento; Terceira idade.

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate family relations during the last phase of the life cycle, under the perspective of elderly, widows that live alone and are engaged in elderly activities. These women seem to paradigm shift; they use to be wives and mothers but nowadays they are living for their own good). This research is relevant to raise awareness in the emerging field of Psychology of Aging and the role of the elderly widows. This study is based on the Systemic theory and the concepts of the Life Cycle Theory. I did a qualitative research with three volunteers between seventy and seventy-eight years old in a collective case study the phenomenological hermeneutics for analysis I understood that some roles were kept and others arise from the new experiences that came from the interaction of the Family systems with the social environment. Those results pointed to an efficient paradigm shift in a construction of a life cycle with new directions and future projects. The whole situation became from a personal lifestyle, where they became independent enough. These widows and wives could identify that they waste their elderly and couldn't access the resources that weren't explored yet. It became clear that the last phase of the Life Cycle can be a very meaningful, joyful and socially productive one when self care and management of one's own life can happen.

Key words: FAMILY – LIFE CYCLE - ELDER

Ao lado da velhice censitária ou cronológica e da velhice burocrática, existe também a velhice psicológica ou subjetiva. Biologicamente, considero que minha velhice começou no limiar dos oitenta anos. No entanto, psicologicamente sempre me considerei um pouco velho, mesmo quando jovem. Fui velho quando era jovem, e velho ainda me considerava jovem, até poucos anos. Agora penso ser mesmo velho-velho. Bobbio, 1997.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I	18
O ENVELHECIMENTO HUMANO	18
1.1 Uma velha história de velhos.....	18
1.2 A transformação da história de “velhos”	21
1.3 A História de uma nova mulher idosa.	25
PARTE II	29
COMPREENDENDO A FAMÍLIA E SEU CICLO VITAL	29
2.1 A mulher idosa e seu papel na família contemporânea.	29
PARTE 3	37
METODOLOGIA	37
3.1 Método	37
3.2 Sujeito.....	38
3.3 Instrumentos.....	38
3.4 Aparatos de pesquisa	39
3.5 Procedimentos	40
PARTE IV.....	42
DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	42
4.1 Discussão	42
4.2 Procedimento de análise dos dados obtidos no questionário de identificação e na entrevista	43
4.3 Tabelas.....	45
A. Dados demográficos das participantes entrevistadas.	45
B. Caracterização socioeconômica das participantes entrevistadas.	45
C. Núcleos de contexto e núcleos de conteúdo.	46
D. Núcleo de conteúdo na íntegra	47
E. Núcleos de Sentido	47
F. Núcleos de sentido com recorte das entrevistas.....	48
G. Núcleo de Sentidos colhidos integralmente.	50
4.4 Análise.....	52

4.4.1	Percepção do próprio envelhecimento e do envelhecimento dos familiares ao longo do tempo.	52
4.4.2	A mulher idosa na família e seus sentidos: da impropriedade à libertação.	58
4.4.3	A família e seus papéis.	63
4.4.4	Movimentos sociais e recasamento.	74
PARTE V.....		78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		87
ANEXOS.....		92
QUESTIONÁRIO.....		93
CONVITE.....		95
TCLE.....		96

INTRODUÇÃO

Minha proposta neste estudo foi a de investigar a dinâmica relacional da família na fase última do ciclo vital, com um componente estrutural específico: a viuvez. Partindo da perspectiva das vivências da mulher viúva, idosa, morando sozinha e inserida em movimentos de terceira idade, interessou compreender suas percepções dos papéis vivenciados por ela, dentro da sua família de origem e na família estendida da atualidade. A teoria Sistêmica e os conceitos da Teoria do Ciclo Vital de vida familiar fundamentaram a compreensão dos fenômenos estudados.

Entre pesquisadores, sempre se comentam quais foram os motivos que nos levaram a escolher determinados temas para nossas pesquisas. Brincamos que não escolhemos; somos escolhidos. De alguma forma, um tema captura nosso pensamento e desperta o desejo de saber como ele se processa e assim, dando asas a curiosidade, vamos mergulhando nas sutilezas do assunto.

Sou membro pertencente a um sistema familiar numeroso. Descendente de cultura italiana, onde, filhos eram um patrimônio, através dos quais se alcançava a prosperidade. Um patrimônio que deveria ser fomentado, orientado, cultivado e desenvolvido para cuidar da interrelação familiar. Cresci num contexto em que a família era forte e vinha em primeiro lugar. Na velhice, minha mãe ficou viúva. Filhos estabelecidos, ninho vazio. Despertou em mim o desejo que ela pudesse usufruir melhor dos anos que ainda lhe restavam. Comecei a observar que havia

algumas mulheres idosas que estavam vivendo com mais qualidade de vida, inseridas em movimentos sociais da terceira idade. Pronto. Fui capturada.

Por outro lado, conhecedora das forças mobilizadoras da família, e tendo em minha prática clínica, clientes que atravessavam questões que eram explicitamente oriundas de dificuldades de interação familiar, me senti impelida a buscar formação específica que proporcionasse aporte teórico e me instrumentasse a trabalhar para além de um indivíduo desconectado com a realidade que o circunda. Sempre vinha em minha mente a história do Barão de Munchhausen , que se arrancava do pântano em que estava afundando, puxando-se pelos próprios cabelos.

Estava lançada a semente da quebra de paradigma que a Psicologia Sistêmica iria exigir de mim. Fui terra fértil, quente e bem cuidada para fazer germinar a epistemologia da circularidade adotada pela Terapia Familiar como modelo para explicar alguns funcionamentos da dinâmica familiar. Os aportes da Teoria do Ciclo Vital Familiar fizeram, então, sentido na minha prática clínica, passando a compor parte destes instrumentos tão necessários para seu bom desempenho.

Os primeiros aspectos que ressalto na consideração da relevância desta pesquisa se organizam a partir de minha própria experiência de vida familiar e prática profissional. O segundo aspecto, e tão, ou mais relevante que o primeiro, decorre das pesquisas do senso do IBGE -2010, que apresenta um estonteante número de cidadãos idosos que estão inseridos na realidade social Brasileira.

A projeção destes números para algumas décadas que nos apresentam um vislumbre de seu aumento demográfico, quase exponencial, descortinam o quanto não conhecemos este novo personagem social, seus anseios, seus desejos e suas reais necessidades. Faz-se necessário que as ciências que estudam o desenvolvimento do homem e sua interação nas sociedades contemporâneas aprofundem estes conhecimentos. Muito se tem escrito, mas as particularidades e as necessidades dos indivíduos idosos são múltiplas e distintas, tanto quanto são únicas as experiências de cada alma.

Este explosivo contingente populacional demanda estudos relativos às questões sócio-político-econômicas para efetuar planejamentos prévios e investimentos em longo prazo. Conhecer e acomodar as demandas deste segmento populacional, detentor de inúmeros direitos sociais, ajudarão a estabelecer políticas públicas eficientes e efetiva, na prevenção e retardo de enfermidades mentais e físicas, bem como estimularão a mobilidade e a independência destes cidadãos.

Milhões de Brasileiros idosos. Entra aqui a minha “escolha escolhida” de tema para esta pesquisa. *TERCEIRA IDADE NA CONTEMPORANEIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO PAPEL DA FAMÍLIA DA MULHER VIÚVA.*

Para pensar em um aspecto macro da sociedade, entendo que deve se iniciar olhando para aspectos micro dos componentes desta mesma sociedade. Então, estudar a família e suas relações intra e interfamiliar foi o elemento mobilizador inicial para desenvolver este estudo.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar e compreender um fenômeno histórico que vem ocorrendo no Brasil, iniciado na segunda metade do Século XX. A longevidade humana e o crescente número de mulheres viúvas que, parecem estar quebrando os paradigmas de comportamento esperado para uma mulher viúva e idosa, operando modificações no papel tradicionalmente desempenhado no seio da família e também na sociedade.

A viúva idosa que anteriormente se comportava como uma mulher frágil, dependente da família e dos filhos para a condução da fase final de sua vida, parece passar para um modo de viver mais independente, auto gerido e autossuficiente. Quais os significados das transformações e as implicações deste processo nesta fase do ciclo vital?

Como objetivos específicos de pesquisa considerei relevante os seguintes questionamentos:

- Na fase final do ciclo vital humano era esperado poucas mudanças, perdas contínuas e a morte. Em que medida as transformações na realidade pessoal da mulher viúva e idosa pode ser impulsionadora de um novo projeto de vida?
- Se as transformações da contemporaneidade ofereceram possibilidades de mudança significativa no rumo de sua história de vida, quais os fatores culturais, sociais e históricos que contribuíram para a apropriação de um novo papel familiar e social?

- De que forma procede a mulher viúva e idosa, agora com maior liberdade e independência, para manter laços afetivos e as tradições familiares com filhos, genros, noras e netos?
- Em que medida a inserção da mulher viúva nas atividades de grupos de terceira idade, oferece suporte emocional para uma ressignificação de seu papel na família?
- Culturalmente e tradicionalmente é esperado que os filhos adultos cuidem, conduzam e determinem a vida dos pais envelhecidos. Como esta transformação foi vivenciada pelos diferentes membros da família?

A relevância desta pesquisa desenvolvida com o enfoque da Psicologia Sistêmica se justificou pela importância da produção de conhecimento sobre um fenômeno social relativamente novo na história do Brasil. A emergência de um segmento social ativo e mobilizador intitulado terceira idade, pareceu incentivar uma quebra de paradigma e isso suscitou a necessidade de compreensão das transformações que a mulher viúva e idosa vivencia, a partir de uma nova configuração familiar e realidade social.

Os estudos científicos que compreendem a fase do desenvolvimento humano perante essas transformações sociais na velhice, ainda não são suficientes para responder essas novas questões. Segundo Corte, (2008), propiciar espaços nos quais se possa pensar e divulgar estudos sobre o envelhecimento humano é

assunto crucial e envolve a todos que estão empenhados na construção de saberes, onde as diferentes ciências possam absorver conceitos, refazê-los e redefini-los, evitando usar somente a perspectiva do “ser que adoece e morre”, mas do ser humano que pode envelhecer com boa qualidade de vida. Por estas razões a Psicologia do Envelhecimento atrai cada vez mais estudiosos e pesquisadores, sendo hoje, considerada como uma área emergente da Psicologia.

O fenômeno da longevidade humana tem um efeito significativo nos diferentes aspectos da sociedade contemporânea. Para as políticas públicas, administrar essa alteração demográfica, onde existem inúmeros indivíduos com as mesmas necessidades sociais, requer planejamento prévio e investimentos de longo prazo. Para uma melhor compreensão deste fenômeno demográfico e suas consequências no Brasil, se faz necessário que as diferentes ciências estudem este segmento social e produzam saberes científicos pertinentes que possam demonstrar, na prática, o conhecimento das suas necessidades, desejos e sofrimentos.

Sendo assim, esta pesquisa pode ser importante, pela perspectiva da Psicologia Sistêmica, pois essa alteração demográfica no Brasil apresenta tremendos desafios, tornando urgente a necessidade de implementar programas efetivos e eficientes na prevenção e retardo de enfermidades mentais e físicas. Manter a saúde mental, a mobilidade e independência dessas pessoas, proporcionando um aumento na qualidade de vida da mulher viúva e idosa,

resultando numa melhor compreensão e manejo social do fenômeno da longevidade humana na contemporaneidade.

Cabe à Psicologia atuar fora dos aspectos paliativos e remediativos do sofrimento psicológico. A pesquisa científica poderá fortalecer e aumentar a compreensão dos fenômenos que produzem bem-estar, problematizando e otimizando as ferramentas que possibilitem as transformações do indivíduo idoso, proporcionando recursos para produzir compensações afetivas e auxiliando no desenvolvimento de estratégias produtivas e inteligentes para a superação das crises pessoais e familiares nesta fase do ciclo vital.

Envolvida pelas questões do idoso na contemporaneidade busquei uma aproximação em relação às publicações existentes nas áreas de Psicologia Sistêmica, Psicologia do Envelhecimento Humano, Sociologia, Filosofia, Políticas Públicas e Psicologia Social. Com um olhar encantado sobre o comportamento social produzido por estes dois grupos historicamente desvalorizados – mulher e idoso- e, agora em plena revitalização, pude entender esta cultura familiar e social, considerando que este olhar foi fundamental para compreender os processos sistêmicos familiares e também realizar um trabalho de produção de conhecimento capaz de fazer crescer e manter as conquistas alcançadas até aqui.

Na parte 1, apresento um breve relato do envelhecimento humano e os valores que permearam a figura do homem envelhecido, seguido de como ocorreram as transformações nos conceitos de envelhecimento caminhando para a

contemporaneidade. Faço um recorte específico, mostrando as transformações do papel familiar, cultural e social da mulher idosa, pois é este o foco desta pesquisa.

Na parte 2 desenvolvo os conceitos que fundamentam meu estudo. A teoria do ciclo vital de vida familiar e a Família na fase última do ciclo vital, com a especificidade da viuvez, sob a perspectiva da Teoria de Abordagem Sistêmica.

Na parte 3, apresento as considerações que orientaram a metodologia de pesquisa. Na parte 4, discorro sobre a organização e demonstração dos dados, incluindo a análise e discussão dos resultados e concluindo, na parte 5, finalizo apresentando as ideias resultantes da análise e discussão que se constituíram nas considerações finais desta pesquisa.

PARTE I

O ENVELHECIMENTO HUMANO

1.1 Uma velha história de velhos

No início da organização das sociedades, a concepção sobre os velhos foi influenciada por valores religiosos e funcionais de cada conjuntura histórica, a partir de normas e valores criados e recriados em função das diferentes realidades sociais. Estes valores determinavam o papel a ser desempenhado pelo velho na família, na sociedade e no tempo em que viviam e, esses papéis variavam entre o respeito e o desprezo, entre poder e abandono, entre a inclusão e a exclusão familiar e social.

Diante da árida realidade social, cultural e sanitária das sociedades mais antigas, o indivíduo raramente atingia a idade que hoje se define como velho, mas, quando conseguia atingir uma maior longevidade provocava na maioria das sociedades, certo incômodo em razão das profundas alterações fisiológicas, perdas e fragilidades que a velhice impingia ao ser humano. Nestas sociedades o envelhecimento era uma realidade individual e não social.

Em algumas sociedades mais simples o velho tinha uma representação social de poder, de guardião do saber de outras gerações, sendo respeitado pelos conhecimentos naturais da terra, da religião, da magia e das tradições sagradas.

Entretanto, respeito e privilégio não estavam associados a todos os velhos, mas, apenas aos que conseguiam superar os desafios de seu tempo, mantendo-se lúcidos e íntegros. Embora o conceito velhice tenha sido construído historicamente, esse se insere ativamente na dinâmica dos valores presentes nas diferentes culturas.

Falar da velhice, não é uma tarefa fácil porque este segmento da sociedade só começou a ser reconhecido pelas ciências nas últimas décadas. Ainda no século anterior não havia preocupações sociais com a figura do idoso, porque a preocupação principal era o estudo do desenvolvimento humano baseado na criança e no adulto. Com o advento da industrialização e a maximização da capacidade produtiva, criou-se uma clara diferenciação entre o jovem, o adulto e o idoso. O homem envelhecido e gasto pelo tempo, então, agora sem capacidade produtiva plena, é relegado a um segundo plano social e familiar. Nessa época, pouco se utilizava a terminologia “idoso”, mas, o termo “velho” para designar esta população. (Neri e Freire, 2000).

Na sociedade capitalista do Brasil e do mundo predominou, pois, uma imagem negativa da velhice, bastante marcada por significações pejorativas e indignas. A valorização do novo e a associação do jovem ao belo caracterizavam o velho como desinteressante, fora de uso, sem finalidade prática, como a um objeto que, de muito usado não tem mais utilidade. Essa imagem negativa foi sendo incorporada no imaginário social e fez da fase da velhice uma das etapas mais difíceis do ciclo de vida do ser humano. (Silva. 2008).

A mudança desse cenário começa com os primeiros registros de direitos de aposentadoria para o idoso trabalhador, que é de 1890, da classe dos ferroviários. Segundo Kunrath (2001) desde então, alguns outros segmentos de trabalhadores mais organizados, começaram a reivindicar aposentadorias como Fundos Previdenciários e Institutos de Aposentadorias e Pensões. Este processo evoluiu para o controle das aposentadorias pelos sindicatos e, posteriormente, para o controle governamental, unificando as diversas legislações existentes.

A aposentadoria do trabalhador passou a ser uma questão de ordem social e de responsabilidade do Estado. Outra importante conquista, que aconteceu em 1963, foi o direito à aposentadoria por idade, onde homens adquiriam esse direito aos 65 anos e as mulheres aos 60 anos.

Com alguns direitos sociais garantidos, os indivíduos foram, gradativamente, ganhando um aumento de expectativa de vida, sendo que este processo teve suas raízes históricas de cunho social, sanitário e cultural. Esta transição demográfica se deveu a fatores históricos e mundiais caracterizados pela diminuição de mortes por doenças infectocontagiosas; o advento das tecnologias que facilitam a prevenção das doenças; a utilização de métodos anticoncepcionais; a opção pela limitação de número de filhos, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a melhoria na qualidade e na oferta de alimentação variada, entre outros. Estes fatores em conjunto resultaram numa maior longevidade dos indivíduos.

Nessa conjuntura social a imagem do cidadão aposentado, que nem sempre tinha idade cronológica avançada, porque, muitas vezes, se aposentava cedo em função do tempo de serviço prestado a sociedade, ficou marcada como a imagem de um indivíduo que onerava a sociedade, pois não lhe devolvia benefícios econômicos de forma direta, e conseqüentemente, por significações pouco aprazíveis. Santana (2003) fala que nesta fase histórica a ênfase de valoração estava voltada ao novo, ao produtivo e ao belo e o indivíduo envelhecido não tinha mais serventia para a sociedade lançando esta fase final da vida humana, num limbo de projetos para a vida.

1.2 A transformação da história de “velhos”

A evolução das ciências e das tecnologias, aliadas ao aumento da população de cidadãos envelhecidos e, a mobilização da classe dos aposentados em favor de políticas públicas, voltadas ao atendimento desta população, propulsionaram o início das mudanças nessa realidade social e histórica. Seguindo uma tendência mundial em favor do reconhecimento desta população, a definição para o indivíduo idoso foi, então, legalmente constituída no Brasil.

“Além desse importante trabalho da Organização Mundial da Saúde (OMS,) de 1984, que estabeleceu como idosos todos aqueles de 60 anos ou mais, no Brasil existem dois documentos oficiais, a Lei 8.842-94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, diz no seu artigo 2º. Que ‘considera-se idoso, para todos os efeitos dessa lei, a pessoa maior de 60 anos de idade’ e a Política Nacional do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada no diário oficial em 13 de dezembro de 1999, que define a idade a partir dos 60 anos para designar o idoso”. (VERAS, 2004 p.151)

Embora a legalização deste segmento populacional tenha vindo mais tardiamente em relação à OMS, já era percebido no Brasil uma transformação significativa de hábitos, imagens, crenças e valores sociais referentes às possibilidades do indivíduo viver o que era considerado velhice, agora com maior perspectiva de vida ativa e portanto, permeado por uma necessidade de tornar significativos os anos a serem vividos.

Além das representações tradicionais relacionadas ao ciclo vital da velhice como as perdas físicas, integridade do ego, quietude e o descanso surgem outros hábitos e práticas que associam o processo de envelhecimento à novas atividades como a aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal e novos vínculos afetivos. Estas novas práticas sociais ofereceram alternativas ao trânsito exclusivo do idoso na dinâmica familiar, gerando possibilidades de experiências e vivências até então, inéditos para o envelhecimento humano na sua história.

“O espectro de descrições possíveis para o envelhecimento ampliou-se tanto que à ‘velhice’, tal como a conhecemos, se somou a ‘terceira idade’ e uma série de características inéditas que a acompanham.... O surgimento da categoria ‘terceira idade’ é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice.” (SILVA, 2008, p. 161)

Este cidadão mais longo, íntegro e economicamente ativo, atravessado por novas possibilidades de viver a vida oferecidas pela modernidade e suas transformações parecia não caber dentro da expressão “velho”. Tornou-se necessário usar uma nova classificação que pudesse colocar este indivíduo num lugar de sujeito atuante. Facilitados pelo processo de comunicação global, que ajudou a divulgar diferentes realidades sociais e as soluções criadas para seus

problemas, importamos a expressão “terceira idade”, de origem Francesa, que teve por finalidade transformar a imagem de pessoas envelhecidas naquele país, numa determinada conjuntura temporal, social e histórica.

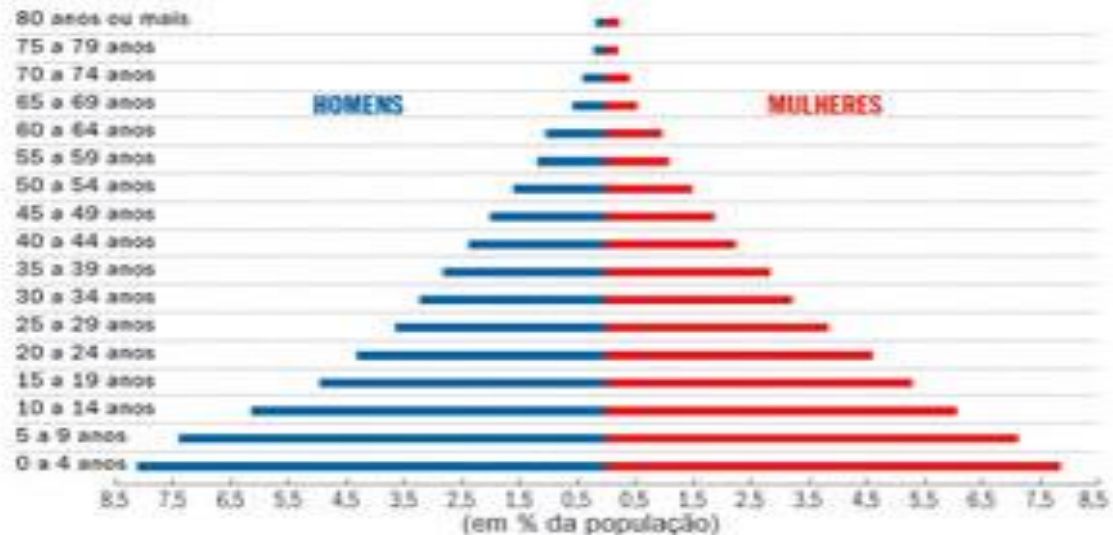
“O antigo retrato preto-e-branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem viver. Faz-se, então, necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosamente a representação dos jovens aposentados - surge a TERCEIRA IDADE. Sinônimo de envelhecimento ativo e independência, a terceira idade se converte em uma nova etapa da vida em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza: ‘integração’ e ‘autogestão’ constituem as palavras chaves desta nova definição”. (PEIXOTO, 2003, p.76).

Voltar um olhar científico para estudar o ser humano na fase do ciclo vital correspondente ao final da vida é de grande relevância para as diferentes ciências que estudam e compreendem o homem contemporâneo. A explosão demográfica de idosos que ocorreu nas ultimas décadas no Brasil e no mundo, colocam esse cidadão numa vitrine que expõe suas reivindicações e conquistas, mas também levanta questões de políticas públicas que possam atender às suas expectativas e direitos.

Os resultados do censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (IBGE 2010) apontam que em dez anos, o número de idosos com 60 anos ou mais passou de 15,5 milhões para 23,5 milhões de pessoas, aproximando-se bastante do indicador mundial de envelhecimento humano. Segundo divulgações do Portal do Envelhecimento, este foi o grupo etário que mais cresceu no Brasil na última década, requisitando planejamento e organização do Estado Brasileiro no tocante à economia, urbanização, saúde e

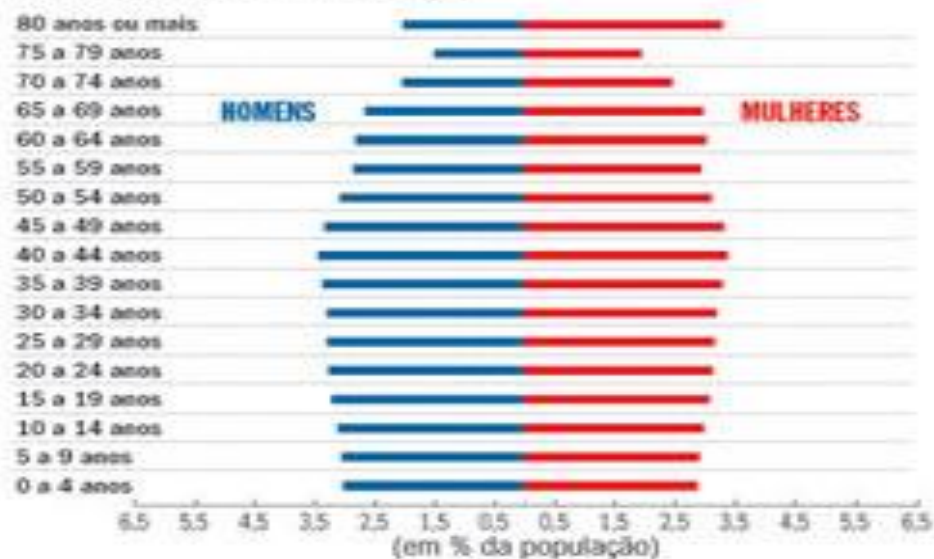
políticas públicas a longo prazo para acomodar esta população. Estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder a 30 milhões de pessoas, ou seja, quase 13% da população Brasileira.

O Brasil em 1960



■ A **pirâmide** etária da população brasileira mostrava a predominância de crianças e adolescentes, exigindo gastos elevados com educação e saúde. Era uma distribuição semelhante à da África atual

O Brasil em 2050



■ O país terá, daqui a quatro décadas, um perfil etário na forma de **pote**, semelhante ao da França atual. Haverá quase tantos idosos quanto jovens, pressionando os gastos com saúde e previdência

1.3 A História de uma nova mulher idosa.

A esta pesquisa interessou buscar um olhar de compreensão sobre as transformações ocorridas no papel familiar, social e cultural de uma “atriz” desse cenário de envelhecimento humano em constantes transformações. Estes padrões de comportamento e de representação social de valores, família, cultura, saúde, bem estar, políticas públicas, agora, começam a ser delineados e compreendidos pelas diferentes ciências que estudam o ser humano.

Segundo estudos de Bee, (1997), na década de 80 já existia uma característica peculiar entre homens e mulheres no que se referia a possibilidades de uma maior longevidade. Atribuía-se a mulher a expectativa de viuvez, mas aos homens não. Ainda segundo a autora as mulheres preparavam-se psicologicamente para viver a viuvez e os homens não, transformando esta fase da vida radicalmente diferente para ambos os sexos. Esta possibilidade com o decorrer do tempo desempenhou um papel relevante no estado civil de pessoas mais velhas.

No senso comum se diz que a “Viuvez” é palavra feminina e isso se confirma pelas pesquisas do IBGE no senso de 2010. O G1.Globo.com publicou matéria, em 17.10.12, informando que entre as pessoas que moram sozinhas, 39,5% são mulheres viúvas. Perdendo apenas para os homens solteiros.

Distribuição dos domicílios com um só morador, por estado civil.

Em % 2010	Homem	Mulher
Casado	11,8	6,5
Desquitado ou divorciado	18,9	15,3
Viúvo	10,4	39,5
Solteiro	58,9	38,7

*Fonte: IBGE, Censo 2010.

Antes da viuvez essas mulheres com idade acima dos 60 anos, estava mergulhada em uma sociedade que se apresentava como conservadora, cabendo ao homem o papel de provedor, regulador e mestre da célula básica da família. Segundo Barros (2003), a velhice do homem era uma questão difícil, mas a velhice da mulher era duplamente invisível. Não ser produtiva numa cadeia economicamente ativa e ter seu mundo todo voltado para a esfera doméstica, para o marido, os filhos e a família extensa tornava a velhice da mulher um período de ostracismo.

A mulher idosa passou a vida mergulhada na impropriedade, vivendo para a família, cujos valores e necessidades estavam acima dos seus próprios. Ela enviuvou e, repentinamente, se viu mergulhada num mundo para o qual recebeu pouco treinamento de sobrevivência, tendo que se apropriar de um lugar social onde a figura de mãe e mulher estava em transformação.

Isto causou angústias, sofrimento psíquico e o sentido das emoções vivenciadas pôde levá-las a ressignificações, tanto nas percepções pessoais, como no âmbito da vivência em sociedade. Buscar este novo lugar, a partir desta

transformação parece ter exigido da mulher viúva uma profunda revisão do próprio papel, tendo por contra ponto o papel das mulheres um pouco mais jovens.

Segundo afirmações de Lopes (1990), esta fase consistia em optar por seguir os rígidos padrões que cercam o idoso em termos de comportamento, vestimenta e vida afetiva, requerendo um comportamento de uma respeitável vovó ou seu papel oposto, de se apresentar um dinamismo semelhante a um jovem.

Ambas as expectativas tinham ideias pré-concebidas do que seja envelhecer. Uma nega os limites físicos e a outra impede a possibilidade de usufruir de novas experiências e gostos não disponíveis até então. Historicamente, a velhice foi carregada de estigmas para o homem produtivo para a sociedade que envelheceu, mas para a figura da mulher idosa e viúva a imagem era duplamente insignificante.

A viúva envelhecida era relatada como um indivíduo incapaz de autogestão, tendo que ser cuidada e tutelada por filhos que ficavam a espera da inevitável visita da morte. Sua imagem ficou vinculada como feia, andrógina, improdutiva e sem possibilidades de desejar novos projetos de realizações pessoais. Esse conjunto de fatores tornava a velhice um continuum de vinculações ideológicas estigmatizantes. (Silva, 2008). Buscar este novo lugar, a partir desta transformação parece ter exigido da mulher viúva uma profunda revisão do próprio papel.

A Psicologia Sistêmica explica esta busca a partir do entendimento de que o indivíduo é constituído pelas relações sociais e que, mergulhado na cultura em que vive, interioriza e reflete os padrões de moral, usos e costumes. A partir desta interiorização, o indivíduo incorpora determinados atributos que podem ser adicionados à sua identidade, contribuindo assim para interferências na sua autoimagem. Dessa forma, a citação abaixo reflete muito bem as significações sociais das mulheres que vivenciaram esse período de transformação.

“Um grande número de mulheres mais velhas ainda lutam para estabelecer sua identidade, ter seus próprios pensamentos, por terem tradicionalmente encarado a si mesmas, em primeiro lugar, como filha, esposa ou mãe de alguém”. (PRETAT, 1997, p.26)

Estas mudanças têm início no século passado com os movimentos que nasceram como consequência das pressões sociais e mobilização do crescente segmento populacional de idosos. Com o tempo, eles adquiriram direitos legais que deram voz e vez, para uma inclusão social de idosos nas atividades de cultura, lazer, turismo, saúde, políticas públicas, gastronomia, viagens e aquisição de bens de consumo no cenário nacional.

A literatura começa então a registrar o aparecimento de uma figura, até então, desconhecida neste cenário (Pretat, 1997 – Viorst, 1988). A mulher viúva parece resignificar sua viuvez e quebrar paradigmas de modelo de comportamento pessoal, familiar, sexual e cultural, esperados para esta fase do ciclo vital.

PARTE II

COMPREENDENDO A FAMÍLIA E SEU CICLO VITAL

2.1 A mulher idosa e seu papel na família contemporânea.

Olhando para a mulher idosa e as transformações no seu papel social na contemporaneidade, foco desta pesquisa, tomo como ponto de partida que toda esta mudança ocorre em um aspecto macro, na sociedade, na cultura e no seu momento histórico. Em seu aspecto micro, ocorre também no interior da família, que é um organismo vivo e em constante transformação, quer pelo ciclo vital individual de cada um de seus participantes, quer pelo seu ciclo de vida familiar que evolui ao longo do tempo de vida da família.

Para entender os conceitos de “família” e “ciclo vital familiar” que reporto aqui, faço dois recortes para expor minha percepção. Do primeiro recorte, vem a compreensão de que os conceitos de família também evoluíram ao longo do tempo acompanhando a evolução dos sistemas políticos e econômicos de um determinado povo.

Esta análise investiga a família Brasileira e salienta a influência da colonização portuguesa nos modelos de família patriarcal extensa, onde sua

organização supunha uma forte autoridade paterna que exigia obediência por parte dos seus membros que incluía a família nuclear, ascendentes e descendentes, agregados, afilhados, compadres e protegidos. O patriarca estendia seu domínio, influência e proteção para todas essas ramificações.

Na cultura Brasileira, as transformações decorreram do processo histórico da industrialização, da urbanização e das migrações do campo para a cidade. A família patriarcal extensiva, de origem rural, é gradativamente permeada por outro modelo de família, de caráter mais urbano, e de valores típicos da sociedade burguesa. (Goldman e Goldman, 1977).

Na literatura atual, são descritos novos e variados arranjos familiares e estes desenvolvem características específicas que os sistemas de referencia assumem nas diferentes fases do ciclo vital familiar , levando em consideração as funções dos diversos componentes no seio da família, nos diversos ambientes onde os membros da família circulam, sendo que, estes espaços sempre são caracterizados pelo pluralismo religioso, ético e cultural.

“Se quisermos compreender a dinâmica da família na sociedade contemporânea, é necessário observá-la como emergência de formas familiares que são produtos de um deslocamento contínuo dos limites entre aquilo que, nas relações de casal, e entre as gerações, é considerado público, ou, então, privado. A família contemporânea, com efeito, caracteriza-se por ser uma forma social sujeita a pressões aparentemente opostas, difíceis de perceber e de viver”. (DONATI, 2008 p.60).

As constantes mudanças na dinâmica interna da família e também nos seus aspectos e valores sociais são relativos à sua evolução histórica no tempo e nas diferentes culturas. Inegavelmente, a família é identificada como fundamento da sociedade moderna, lugar dos afetos privados e forma de relação social característica da espécie humana.

Segundo descreve Petrini,

“As novas condições, nas quais se processam a construção da identidade e a socialização, nas diversas etapas da existência, modificam a formação de vínculos e o estabelecimento de sistemas de referência, tornando mais complexas as relações entre as gerações” (PETRINI, 2003, p.62).

Para compreender a dinâmica evolutiva no interior da célula familiar, faço uso do segundo recorte. O conceito de ciclo vital familiar. A teoria de ciclo vital familiar oferece subsídios para compreender as diferentes fases de desenvolvimento individual e familiar em seu entrelaçamento, nos aspectos que dizem respeito às mudanças que obedecem a certos critérios, como idade dos filhos, aquisições, saídas ou inclusões de membros, aspectos financeiros entre diversos outros.

O estudo sistematizado de ciclo de vida familiar é apresentado com algumas diferenças, conforme a visão do teórico que as desenvolveu, baseado na cultura e no tempo histórico em que estava inserido aquele estudo. A ideia apresentada como conceito central da teoria é que as famílias mudam em sua forma de funcionamento durante toda a vida. Essas mudanças decorrem em sequências, mais ou menos

ordenadas de etapas evolutivas. O número de etapas são diferentes, conforme a finalidade que cada teórico reconhece como adequadas aos seus estudos.

Tomo como base para este estudo, os conceitos de ciclo vital familiar proposto por Cervený, (1997 e 2002), que compreende o estudo da família em seu contexto ampliado e plural, incluindo os aspectos sociais, culturais, econômico e temporal, considerando a realidade da família Brasileira. Do trabalho da autora, recorto sua caracterização de ciclo vital familiar, dividindo-o em quatro etapas: 1 – Fase de aquisição; 2 – Fase Adolescente; 3 – Fase Madura; 4 – Fase Última.

Ainda, segundo a autora, o ciclo vital de uma família inicia-se com a união de um casal, até a morte de um ou dos dois, e consiste num conjunto de etapas ou fases relativamente definidas sob alguns critérios, pelos quais todas as famílias passam naquela geração, movendo-se através do tempo.

Neste estudo, interessou-me analisar um fenômeno relacionado com a Fase Última do ciclo vital familiar. A longa viagem realizada pela família, através do tempo tem o poder de alterar papéis, modificar valores, ampliar ou transformá-los em outros, diante das alterações nos modelos de família na sociedade em que está imersa.

Neste trabalho pretendo compor elementos que me auxiliem a analisar a dinâmica relacional da mulher viúva, na terceira idade e compreender como ela e

sua família usaram os recursos que nortearam sua passagem nas diferentes etapas da vida; como reagiram e se adaptaram as perdas; como reestruturaram padrões anteriormente estabelecidos, realizando as tarefas de transição do ciclo de forma funcional, entendendo que, para cada uma, este processo está ligado aos padrões familiares que a acompanharam desde sua formação. (Cerveny, 1997).

A viuvez é considerada uma das grandes perdas na vida do ser humano e é uma experiência de vida, nem sempre esperada ou desejada. A tarefa desta transição envolve a tristeza, a elaboração do luto e um reinvestimento num possível futuro. Este período de crise e transição é propiciador de um realinhamento nos relacionamento dos membros do sistema familiar.

A vivência de novos papéis como a condição de avó, oferece um sentido de continuidade de vida e uma importante transição sistêmica, propiciando novos vínculos e a chance de reformular questões que, como mães, não foi possível fazer.

Estas mudanças fundamentais irão definir a qualidade de vida da idosa na medida em que ela possa usar de seus recursos internos, mantendo interesses atuais, desenvolvendo novos projetos de vida que se adaptem as suas limitações biológicas, buscando equilíbrio entre perdas e ganhos.

Neste cenário, desfila a “atriz”, objeto deste estudo. A viuvez é uma palavra feminina e segundo vários autores, entre eles Bee (1997), Carter e Mc Goldrick

(1995), Cervený (1997) a longevidade da mulher é mais esperada que a do homem por uma série de fatores, entre eles, o cuidado com a saúde. Então, temos na atualidade uma população idosa, eminentemente feminina, conforme estatísticas do IBGE- 2010, que desfruta de outros envolvimento emocional, constroem novas relações afetivas, assumem uma independência financeira e a autogestão da sua vida, independentizando-se dos cuidados extremos dos filhos e familiares, atribuindo novos significados para a vida da mulher viúva na velhice.

Considero relevante pontuar que os dois recortes que faço anteriormente estão acomodados num grande guarda-chuva que é a Abordagem Sistêmica. Esta tem sua origem nos conceitos da Cibernética. Estes conceitos percorreram um longo caminho e sua construção foi estruturada com o pensamento de inúmeros cientistas, defendendo pontos de vistas que atendiam às suas áreas de estudos. Produto da interdisciplinaridade entre matemática, antropologia, psicologia, neurologia, física, biologia, entre outras, a cibernética é a ciência que estuda os processos de comunicação e controle dos sistemas vivos e não vivos.

Muitos cientistas, ao longo da história, contribuíram para alargar os conceitos de sistemas que estudamos hoje. *Bertalanffy, Bateson, Minuchin, Bowen, Haley, Madanes, Whitaker, Andolfi, Cecchin, Ackerman, Jackson*, e muitos outros, que ainda estudam e contribuem com a evolução desta abordagem teórica. Assim, o paradigma sistêmico evoluiu com as ciências ao longo dos últimos cinquenta anos em que é utilizado como compreensão, investigação dos processos de organização,

estrutura e funcionamento do sistema familiar. Seu aporte teórico legitima a prática clínica em psicologia e outras áreas de estudo e pesquisa.

Aponto conceitos básicos que são em linhas gerais, entendidos como; globalidade, não somatividade, homeostase, morfogênese, circularidade, retroalimentação e equifinalidade. Segundo Bruscagin (2010), independentes de seu foco principal, o que estes teóricos têm em comum é uma compreensão e leitura sistêmica, que operam de acordo com os constructos básicos da teoria geral de sistemas.

Ainda, segundo Capra,

“ A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores. Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização” (Capra, 2006, p. 260)

Segundo Minuchin (1982), este sistema chamado família é um sistema cultural aberto, em transformação, que passa por vários estágios de desenvolvimento, que se transformam, se reorganizam e se adaptam sempre que as circunstâncias exigem, promovendo assim, a continuidade do próprio sistema e o crescimento psicossocial de seus integrantes. Ainda segundo ele, a família é um sistema complexo formado por subsistemas que se unem por geração, função, sexo ou interesses.

Sendo assim, cada membro pode pertencer a mais que um sistema, conforme o papel que desempenha naquele momento, por exemplo, o sistema conjugal marido-mulher e o sistema formado pelas mulheres da família, ou pelos homens, ou pelos filhos, no sistema fraterno. Esses sistemas não são excludentes entre si e tem diferentes tarefas a cumprir no ciclo vital familiar.

É dessa perspectiva que investigo a dinâmica relacional da família onde a mulher viúva e idosa é o sujeito de pesquisa, tomando como importante sua vivência nos meios do movimento da terceira idade onde se estimulam a convivência social, a criação de novos vínculos e projetos de vida. Perscrutando as influências decorrentes deste sistema social, incidindo sobre a família da mulher viúva, na fase ultima do ciclo vital familiar, compartilho das as ideias de Sluzki que diz:

“... as fronteiras do sistema significativo dos individuo não se limitam à família nuclear ou extensa, mas incluem todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito: família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de praticas sociais”. (SLUZKI, 1997, p.37).

Pensando a Psicologia sistêmica como um conjunto de conhecimentos e práticas produzidas dentro de um contexto, que deve de algum modo, dar conta de analisar e compreender os processos que se articulam na realidade vivenciada pelo ser humano, se faz relevante questionar como se constituíram as subjetividades, as significações familiares, sociais e os sentidos das emoções da mulher viúva, na terceira idade e as transformações no papel da família na contemporaneidade.

PARTE 3

METODOLOGIA

3.1 Método

A realidade do homem parece ser mais complexa, rica e abrangente que qualquer teoria, pensamento ou discurso que uma determinada ciência faça sobre ela. Conforme afirma Minayo (2006), o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo e esta, possui instrumentos e teorias competentes para fazer uma aproximação e interpretação da complexidade que é a vida do homem inserido nas sociedades, com suas expressões únicas vinculadas aos processos das estruturas sociais, dos sujeitos que atravessam sua história, nos significados e representações por ele vivido.

A metodologia de pesquisa, como lugar central das teorias, por sua vez, delimitará os caminhos do pensamento e orientará a ação prática. Para atingir esses objetivos fiz uso da pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo.

Objetivando compreender nuances dessa realidade fez-se necessário uma longa aproximação com o tema do envelhecimento humano através de leituras nas diferentes áreas que o estudam. O objetivo foi de aprofundar a pesquisa e

compreender os sentidos e significados que as viúvas idosas têm de si mesmas, no processo de transformação de uma mulher dependente da família para a condução da rotina do dia-a-dia, para uma independência e autossuficiência na condução da própria vida.

Para tanto, foi realizado estudo de elaboração do método e de instrumentos para serem utilizados nesta pesquisa. A elaboração de temáticas para as entrevistas semi estruturadas e do questionário, maneiras de inserção no campo pesquisado, composição dos diários de campo, entre outros instrumentos para a posterior aplicação na pesquisa.

3.2 Sujeito

Delimitei como sujeito de pesquisa 03 mulheres viúvas, entre 60 e 80 anos de idade, que morem sozinhas, de classe média, residentes em São Paulo, que estejam inseridas em algumas atividades com grupos de movimento social, como grupos ligados à instituições religiosas, grupos esportivos, grupos de lazer, usuários de serviços públicos e sociais, que ofereçam atividades diversas para a terceira idade.

3.3 Instrumentos

Para uma compreensão do fenômeno a ser estudado, fiz uso de alguns instrumentos de característica qualitativa, que foram elaborados para permitir uma

maior aproximação do participante da pesquisa, coleta de dados, e compreensão do fenômeno.

Fiz uso de um questionário de identificação da voluntária, e de entrevista semi estruturada com elementos disparadores para propiciar a comunicação e a interação entre pesquisadora e participante, criando clima e espaços para que o fenômeno apareça. Segundo descreve Rey:

“A conversação é um processo cujo objetivo é conduzir a pessoa estudada a campos significativos da sua experiência pessoal, os quais são capazes de envolvê-las no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual. A partir desses espaços, o relato expressa, de forma crescente, seu mundo, suas necessidades, seus conflitos e suas reflexões, processo esse que envolve emoções que, por sua vez, facilitam o surgimento de novos processos simbólicos e de novas emoções , levando à trama de sentidos subjetivos” (REY,2005, p.126).

3.4 Aparatos de pesquisa

Fiz uso dos seguintes equipamentos; gravador de voz para registrar a entrevista e efetuar sua posterior transcrição, computador para a transcrição, leitura e organização de dados, papel sulfite e canetas para colher dados de identificação e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Estes aparatos auxiliaram na análise e compreensão das informações prestadas pelas participantes.

3.5 Procedimentos

Para acessar as participantes da pesquisa distribui pequenos convites escritos em locais de frequência dessas mulheres, como instituições religiosas, esportivas, Seccos, Sesc, entre outras. Estes locais estavam distribuídos nas intersecções entre as Zona Oeste, Norte e Centro de São Paulo, regiões que frequento em minha atividade profissional e como consumidora. Esta forma de delimitar as participantes da pesquisa foi aleatória, objetivando diversificar a amostra em termos de nível social, cultura, idade e instrução.

Distribui aproximadamente 100 pequenos convites e obtive como retorno, 9 contatos telefônicos. Destas voluntárias, exclui as que moravam com filhos ou outros adultos da família e as que atualmente, não estavam envolvidas com atividades específicas do grupo da terceira idade.

Após o contato telefônico inicial com as voluntárias, selecionei as mulheres viúvas que atendiam aos critérios elencados. Efetuei uma pequena explanação dos objetivos da pesquisa, convidei para a entrevista final em local que foi escolhido em função da conveniência de cada uma. Esses locais podiam ser a própria instituição onde elas frequentavam, no meu consultório ou a casa delas, em dias e horários determinados por cada uma das participantes.

Os cuidados éticos que tratam da pesquisa com seres humanos foram orientados pelo Código e Ética da Resolução 196/96. Foi feita uma leitura conjunta

do Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido (TCLE), dirimindo eventuais dúvidas, garantido condições de apoio psicológico, se necessário, colhido as assinaturas e entregue uma via para cada voluntária. Foi aplicado um questionário de identificação e coleta de dados básicos e, somente então, iniciada a entrevista gravada que teve aproximadamente 1 hora de duração.

PARTE IV

DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1 Discussão

Esta interação entre a pesquisadora e a realidade pesquisada apresentou-se como uma forma rica e expressiva de vivenciar o conhecimento das teorias da Psicologia Sistêmica, expandindo os conceitos e possibilitando o testemunho das construções e dos valores vividos no interior da família durante seu ciclo vital e, também os valores socialmente vivenciados e transmitidos.

Após a realização das entrevistas os conteúdos de voz foram transcritos e os dados colhidos foram lidos, relidos e analisados à luz da teoria sistêmica. Para uma maior compreensão e reflexão usei como base o método fenomenológico hermenêutico acessando aquilo que não é imediatamente dado pelo fenômeno, mas está contido também no que não é expressamente verbalizado, mas sendo apreendido no seu sentido existencial. Segundo Grandesso:

“{...} a tarefa de compreensão do significado, dentro de uma perspectiva hermenêutica, envolve sempre um projetar-se do interprete, desde que lhe apareçam as primeiras manifestações do sentido do discurso, para o sentido do todo, ainda não dito”. (GRANDESSO, 2000, p.196).

4.2 Procedimento de análise dos dados obtidos no questionário de identificação e na entrevista

O primeiro momento, em relação à análise dos dados obtidos no questionário de identificação, se constituiu na compilação das informações em tabelas. As primeiras pretenderam reunir os dados demográficos das participantes da pesquisa bem como sua caracterização sócio econômica. (Tabela A e Tabela B).

O segundo momento, se constituiu de uma aproximação com o material coletado através das transcrições das entrevistas, realizando novas escutas e leituras reflexivas, objetivando a possibilidade de identificar significações centrais no discurso dessas mulheres. Destes dados, organizei mais cinco tabelas. (Tabelas C, D, E, F e G) .

Fiz uso das conceituações de Minayo (2006) para a análise dos registros; separei em núcleo de conteúdo e núcleo de contexto que se referiram aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem e, posteriormente, elaborei a análise de sentido que possibilitou uma referência mais ampla e a apreensão do contexto do qual fazem parte as mensagens.

Esses núcleos de sentido referiram-se a temas que se mostraram relevantes nos questionários e em suas falas, seja pela frequência com a qual apareceram, seja pelas emoções, contradições e conflitos neles contidos, ou mesmo pelo fato

desses sentidos se referirem ao processo que consideramos importantes no estudo da terceira idade na contemporaneidade: a transformação do papel da família da mulher viúva.

4.3 Tabelas

A. Dados demográficos das participantes entrevistadas.

Participantes	Idade	Família Origem	Escolaridade	Estado Civil	Tempo de Casada	Tempo de Viúva	Filhos	Netos	Bisnetos
P1	70	Pais + 2 irmãos	Ginásio	Viúva	50	11 anos	3	1	
P2	78	Pais + 4 irmãos	Primário	Viúva	40	20 anos	5	15	3
P3	72	Pais + 2 irmãos	Colegial tec.	Viúva	27	10 anos	2	5	-

B. Caracterização socioeconômica das participantes entrevistadas.

Participantes	Mora	Fonte Renda	Trabalhou	At. Físicas ou Esportes	Atividades de Lazer	Residência
P1	Sozinha	Pensão	Em solteira (Costureira)	Tai chi/ dança/ alongamento	Cinema/viagens/praias/reuniões	Própria
P2	Sozinha	Pensão + aluguel	Costureira autônoma	Dança	Festas/passeios/viagens	Própria
P3	Sozinha	Pensão	Em solteira (escritório)	Ginástica em grupo	Cruzeiros/passeios/reuniões	Própria

C. Núcleos de contexto e núcleos de conteúdo.

NÚCLEO DE CONTEÚDO	NÚCLEOS DE CONTEXTO
Fase da Infância	Percepção do envelhecimento das pessoas. Percepção do envelhecimento dos pais. O papel do idoso na família. Percepção do próprio envelhecer.
Fase Adulta	O próprio envelhecer no futuro. Visão das pessoas envelhecidas. Papeis dos membros da família no cuidado com o idoso. Percepção do cuidado com o idoso. Preparo para enfrentar a velhice.
Fase da Velhice	<i>Sentidos da viuvez – Independência/ Servidão.</i> <i>O papel dos filhos na viuvez.</i> <i>Percepção do papel da família atual.</i> <i>Percepção da família nos novos relacionamentos pessoais e emocionais.</i> <i>Sentido do movimento da Terceira Idade.</i> <i>Significado de ser idosa hoje.</i> <i>Constituição de nova família na atualidade.</i>

D. Núcleo de conteúdo na íntegra

Esta referida tabela se encontra nos anexos, devido sua extensão.

E. Núcleos de Sentido

1 – PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO ENVELHECIMENTO E O ENVELHECIMENTO DE FAMILIARES AO LONGO DO TEMPO.

Percepção do próprio envelhecer na infância.

Percepção do próprio envelhecer na fase adulta.

Preparo para enfrentar a velhice.

Significado de ser idosa hoje.

Percepção do envelhecimento das pessoas.

Percepção do envelhecimento dos pais.

Visão das pessoas envelhecidas.

Percepção do cuidado com o idoso.

2 – A MULHER NA FAMÍLIA E SEUS SENTIDOS: DA IMPROPRIEDADE À LIBERTAÇÃO.

Sentidos da viuvez.

A impropriedade de ser e o papel cultural da esposa/mãe.

Sentidos da independência na atualidade.

3 – A FAMÍLIA E SEUS PAPEIS.

O papel do idoso na família de infância.

Papeis dos membros da família no cuidado com o idoso.

Papel dos filhos na viuvez.

Percepção do papel da família atual.

Percepção da família para os novos relacionamentos pessoais e emocionais.

4 – MOVIMENTOS SOCIAIS E RECASAMENTO.

Sentido dos movimentos sociais da Terceira Idade.

Constituição de nova família na atualidade.

F. Núcleos de sentido com recorte das entrevistas.

1 – PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO ENVELHECIMENTO E O ENVELHECIMENTO DOS FAMILIARES AO LONGO DO TEMPO

Percepção do envelhecimento das pessoas	Percepção do envelhecimento dos pais	Visão das pessoas envelhecidas
P1- "Eu sempre achei muito lindo".	P1- "Eu acho que (o envelhecimento) da minha mãe foi difícil".	P1- "Ah eu adorava. Eu tinha uma tia de 90 anos que eu visitava ela sempre e ela até me chamava de gatinha..."
P2 - "Eu não sei, eu achava tão normal que a gente num... eu não sei distinguir praticamente como que eu via..."	P2- " Já foi mais sofrido porque eles queriam muito bem a eles, era muito presente com eles mas a minha mãe já ficou doente, os quatro anos eu quem corria com ela pra todo lugar, depois a minha mãe faleceu, o meu pai também ficou doente e também era eu quem cuidava deles, porque os outros pouco se interessavam também.	P2- " Via as pessoas se acabar". "(...) eu pensava que eles precisavam da gente e a gente tinha que fazer o bem pra eles".
P3- " Eu não sei, as pessoas idosas que me cercavam eram pessoas que eu gostava muito".	P3 – "E quando eu percebi que ela era realmente já estava velhinha, com problema de saúde, nossa me doeu muito".	P3- "A gente via como amigos, pessoas companheiras, entendeu? E pessoas que você pode, por exemplo, chegar e contar um probleminha, que eles tem sabedoria pra te aconselhar..."

Percepção do cuidado com o idoso	Percepção do próprio envelhecer	Percepção do próprio envelhecer no futuro
P1- "... até hoje eu acho que é muito triste a vida do idoso. Porque trabalha muito. Luta muito pra manter a família, pra educar, pra tudo ainda mais na minha época. De repente fica idoso, fica doente, fica dependente, não pode fazer as coisas sozinho..."	P1- " Eu nunca pensei. . Nunca me preocupei com isso".	". "Nunca parei pra pensar, a minha era... eu era muito agitada. Que a gente fazia serviço de casa, fazia... então não tinha tempo pra pensar coisas assim, do futuro".
P2- " Eu acho que na época era uma obrigação, hoje sei lá, acho que hoje não é obrigação, porque ninguém acha que é obrigação. As pessoas acham que não tem. Que abandonam muito, abandonam muito o idoso, eles ponham em asilo, não vão visitá-los.	P2- "Eu achava que não ia envelhecer, tanto é que eu nunca paguei o INSS..."	P2- "Você sabe que... pra te ser sincera eu nunca cheguei a imaginar assim na... pensar envelhecer, vou isso, vou aquilo... Eu não sei, eu levava a vida, o dia de hoje, o amanhã eu não pensava muito não.
P3- ".: Eu acho que foi uma mistura disso tudo. Sabe, uma mistura disso tudo tanto carinho, ou a palavra amiga quando você necessita..."	P3- "Olha, bem, eu não pensava nisso não".	P3- "Uma coisa bem distante, viu?". "Não, nem imaginava, eu achava que eu nunca iria envelhecer. Eu achava que isso nunca ia acontecer comigo".

Preparo para enfrentar a velhice	Significado de ser idosa hoje	
P1- ".: Acho que nenhum. Como eu nunca pensei nisso acho que não preparei pra nada.	P1- "Ah, ter vivido! Ter vivido! Também tenho consciência do que eu posso, do que não posso ne? Mais é isso".	
P2 – Não respondeu.	P2- ".: Experiência! (risos). Experiência, decisão própria, ser dona dos seus atos, pelo menos enquanto você está consciente ne?	
P3- " Eu acho que foi tudo isso, esse aprendizado que eu tive através das pessoas idosas que eu conheci.	P3- " Eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade. "Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica..."	

2 – A MULHER NA FAMÍLIA E SEUS SENTIDOS: DA IMPROPRIEDADE À LIBERTAÇÃO.

Sentidos da viuvez	Sentidos da independência na atualidade	A impropriedade de ser e o papel cultura da esposa/mãe
P1- “.:Olha, teve duas coisas na minha viuvez. Uma foi uma tristeza assim, fiquei sem chão, fiquei perdida e a outra fiquei aliviada porque ele ficou oito anos como um bebê.”	P1- “... eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu.”	P1 - Então o meu marido achou que eu deveria ficar em casa pra cuidar das crianças cuidar da educação, com alimentação, tudo isso e ele batalhando pra dar o resto. Então ele conseguiu todos eles estudaram e assim, queria meus filhos não tristes como eu fui”.
P2- “ Olha no começo foi até difícil... ”	P2 – “ Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não me ocupam, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega”.	P2 – “Desde que eu me casei eu me via assim: eu tinha... sempre eu tive com a minha família os horários pra tudo. Tinha horário pro café da manhã, horário do almoço.... ”
P3-: “ Foi bem impactante”. “Pelo fato de eu me ver, de repente , sozinha com todos os compromissos que eu desconhecia até então, tendo que aprender, é como uma criança aprendendo a andar...”	P3- E também eu não permito não, porque eu acho que sim, se eu fosse uma pessoa boba de tudo, sei lá eu, que não pensasse, que não tivesse juízo, eu acho que até aí, mas pô!”.	P3 - “ Porque naquela época o marido estava doente. Eu cuidava dele, cuidava de três netas, as gêmeas e a irmãzinha. Eram quatro pessoas aqui em casa que dependiam de mim pra tudo. Comida, banho. Eles precisavam sair era eu que saía, era eu que limpava a casa, era eu que lavava a roupa era eu que... sabe, então eu não tinha tempo”.

3 - A FAMÍLIA E SEUS PAPÉIS

O papel do idoso na família.	Papeis dos membros da família no cuidado do idoso.	O papel dos filhos na viuvez.
P1 - Então o carinho tudo era meus avós, meus tios, essa minha tia velhinha, que às vezes assim, festas ela dava um dinheirinho pros sobrinhos. Então dava um real, seria um cruzeiro, pra mim dava cinco.”	P1 - “. “ Todos os dias eu descia de manhã fazia o serviço da casa da minha mae. Lavava, passava, cozinhava e dava o almoço. Aí eu subia pra dar o almoço pros meus filhos que estava chegando da escola e cuidava da minha casa”.	P1- “Ah nem sei como te dizer. Eles estão sempre presente. Só que eu sou uma pessoa que eu evito ficar dependente. Então assim, só em último caso que eu falo alguma coisa que possa preocupar”.
P2- “Eu não sei porque aquela época a gente não dá pra perceber assim, porque a pessoa na época o velho, o idoso, uns trabalhavam direto até quase que na hora de morrer”.	P2- “.: Eu acho que praticamente, praticamente os homens não tinha”. “Toda (responsabilidade) era da mulher. Você vê que inclusive nós, os filhos, as filhas, revezavam, e os filhos, nunca ninguém falou, vou ficar pelo menos um dia durante o dia com ela, pra cuidar”.	P2- “Não, agiram normalmente igual vinha já agindo antes”. ... um papel que acho que devem ter, não sei se acham que é obrigação, se acham que vem porque gostam, não sei, todo fim de semana, todo domingo eles vem todos pra cá, a tarde”.
P3 - “ ... meu avô era um homem muito carinhoso, sabe, e era muito... a gente chegava parecia que tinha chegado o rei da Inglaterra, princesa, coisa e tal”	P3 – Não respondeu.	P3- Apesar de ter todo o apoio dos meus filhos, meu filho ensinar como mexer nos cartãozinhos, como fazer isso, me levou no banco em todo quanto era lugar que precisava...Então assim foi indo, foi indo até eu me soltar. Graças a Deus agora eu já sei de tudo”.

Percepção do papel da família atual	Percepção da família para novos relacionamentos pessoais e emocionais.	
P1 - "...Mas ele dependendo dos compromissos dele, às vezes fica quinze, vinte, trinta dias sem vir. Mas eu não sinto que seja um abandono".	P1- " Uma total liberdade. Apesar que dependendo a pessoa eles não querem que eu saia. Eles acham que a pessoa... eles querem que eu me divirta, que eu saia, que eu passeia mas eles não quer me ver que nem essas senhorinhas por aí não!".	
P2 - "...eu gostaria que estivessem sempre presente, mas não podem, paciência. Então é... como se diz, pra mim, se eles precisarem de mim a hora que precisar eu to disponível, isso eu tenho certeza".	P2- "... eles acham que eu tenho a plena liberdade e direito se eu quisesse ter um relacionamento, ter uma pessoa na minha vida que eu pudesse... que eu não devia ficar sozinha. Que eles só iam se opor se um dia eles vissem que a pessoa não era digna de conviver comigo. Do contrário, era liberado".	
P3- "Olha, é muito importante a minha família toda porque... como agora eu sou sozinha, eu me sinto feliz por ter uma família como eu tenho".	P3 - " Então não(interferem), mas eu, não, viajo, passeio, só eles não interferem em nada, em nada, em nada. Eles só pedem, toma cuidado, toma cuidado, mãe. Só isso".	

4 – MOVIMENTOS SOCIAIS E RECASAMENTO.

Sentido do movimento da terceira idade	Constituição de nova família na atualidade	
P1- "Trabalhar com velhinho, tratar bem, dar carinho".	P1- "Impensável! Não cogito de jeito nenhum, nem cogitei dez anos atrás. Eu sinto falta de companhia. Não to falando que sinto falta de homem, eu sinto falta de companhia.	
P2- "... Sei lá, uma independência maior do que eu já tinha". "A dona lá do baile, a diretora ela falava fica com ele, depois de seis meses é que a gente acertou".	P2- "...Pra gente nova acho que é válido.	
P3- "... Fez, me ensinou a me soltar, entendeu. Me ensinou a me soltar e conversando com outras pessoas que normalmente se vai nesses passeios essas coisas se vai com pessoas estranhas, aí você faz novas amizades, então você ouve uma coisa, ouve outra, então você vai ficando mais alerta".	P3- "Não, negativo, fora de cogitação". " Sosseguei! Sabe aí eu acho que a liberdade foi tão boa que eu nem penso nisso. Nem penso e é muito bom, porque esse negócio você fica também assim... comprometida com alguém, que se tem que falar o horário, ter que pedir permissão pra ir... não! Nunca mais!	

G. Núcleo de Sentidos colhidos integralmente.

Esta referida tabela se encontra nos anexos, devido sua extensão.

Assim, todas as significações foram agrupadas em núcleos de sentidos referentes aos temas escolhidos. Esses recortes se fizeram necessários para que eu compreendesse melhor as significações construídas nos processos relacionados a cada um desses temas, bem como proporcionou a apreensão dos sentidos atribuídos às vivências e questões por elas articuladas.

4.4 Análise

A partir de um mergulho nas narrativas colocadas e também no que não foi expressamente verbalizado, mas esteve implícito nos silêncios e nas entrelinhas, passo a fazer minha análise.

4.4.1 Percepção do próprio envelhecimento e do envelhecimento dos familiares ao longo do tempo.

Neste núcleo de sentido estão organizados os contextos que exploram a percepção do envelhecimento das pessoas, os cuidados que os idosos da família demandaram e como se deu, no tempo, a percepção do seu próprio envelhecimento. As perguntas foram orientadas no sentido de verificar como elas se aperceberam destas questões nas diferentes fases da vida, partindo da criança, indo para a fase adulta e no momento presente de suas vidas.

Quando falamos de percepção de envelhecimento estamos falando de tempo e temporalidade. Para analisar este delicado aspecto da vida e da experiência humana considero importante explicitar de que ponto de vista faço este recorte. Utilizei os conceitos de Critelli (2006) e Dartigues (2005) que nos apontam que tempo e temporalidade é uma condição da existência do homem, logo precisamos considerar alguns aspectos.

Estamos habituados a considerar o tempo como cronológico, como um fluxo contínuo, “igual”, que sempre marca o mesmo tempo, dividindo-o em períodos. Todavia, sentimos e vivemos o tempo de outra forma. O tempo sentido não é cronológico, não é sequencial. O tempo em que vivemos é um tempo relativo, em que passado, presente e futuro se misturam e se constituem como um só: o agora. E é exatamente e só nessa temporalidade que o ser tem sua manifestação.

As vivências já experienciadas são consideradas como passado. As que vivemos no agora são consideradas como presente. E as que planejamos, programamos, almejamos e desejamos viver são tidas como futuro. Entretanto, esses “tempos” se misturam na nossa vida. As nossas experiências passadas constituem a nossa vivência perante o agora e consecutivamente as que desejamos viver no futuro. Os planos do futuro fazem com que modifiquemos nossas vivências de agora para alcançá-las no vir-a-ser. E o presente, assim que é consumado, torna-se passado. Logo, o tempo de possibilidades é o agora, é aquele que se está vivendo. Dartigues nos aponta três momentos fundamentais do tempo:

“A compreensão, que é ‘projeto’, ‘ser-adiante-de-si’, é o futuro; o sentimento de atuação, que é ‘já-ser-lançado’ é o passado; o decaimento, que é o ‘ser-preocupado-com-objetos-encontráveis’, é o presente. Esses três ‘êxtases’ se enlaçam na unidade da condição temporal do homem”. (DARTIGUES, 2005, p.118).

Abordando que o homem tende a reduzir sua temporalidade ao presente, pois é no presente que ele domina as significações de mundo, suas experiências, assegurando-as, “tendo-as nas mãos”. Critelli (2006), nos diz que no intervalo de

tempo que se esgota entre o nascer e morrer é que o homem experencia o “ser”, sendo ele mesmo.

Ao analisar os sentidos da percepção do tempo reconhecido no envelhecimento das pessoas ao seu redor, pude constatar que, na infância, isso não era uma preocupação, pois a imagem do idoso parecia ser envolta numa magia permeada de sentimentos de amor, carinho, compreensão. A possibilidade de obter aconselhamentos e de receber sentidos de valorização, tornava prazerosos estes momentos de convivência com os idosos da família.

P3- “... meu avô era um homem muito carinhoso, sabe, e era muito... a gente chegava parecia que tinha chegado o rei da Inglaterra, princesa, coisa e tal...”

Outro aspecto considerado na análise foi o envelhecimento dos próprios pais e os cuidados que eles demandavam. A visão idílica da convivência com o idoso de cabelos embranquecidos foi sendo progressivamente alterada, conforme o amadurecimento de vida e as responsabilidades assumidas nos cuidados geracionais da família extensa. Este envelhecimento, agora passa a ser percebido com tristeza e como um período de preocupações e cuidados intensos, pois estava relacionado com contínuas perdas físicas, doenças e com a morte.

P2- “Já foi mais sofrido porque nós queríamos muito bem a eles, era muito presente com eles, mas a minha mãe já ficou doente, os quatro anos eu quem corria com ela pra todo lugar, depois a minha mãe faleceu, o meu pai também ficou doente

e também era eu quem cuidava dele, porque os outros pouco se interessavam também. Eu fazia tudo que eu podia pra ele até o dia que ele morreu”.

Esta narrativa é permeada dos sentidos da tradição cultural e familiar onde, cabia a elas o cuidado dos idosos da família. Elas prestavam estes cuidados com sentimentos amorosos de filiação e parentalidade, embora reconhecessem o fardo pesado que isso era ao longo dos anos. A visão do envelhecimento “do outro” foi sofrendo alterações. O outro envelhece, o outro perde competências físicas. O outro caminha no sentido da finitude a vida.

A vida foi se desenrolando e os estágios do ciclo vital familiar foi acontecendo conforme as especificidades de cada história de família. Essas participantes relataram que não fizeram nenhum preparo para enfrentar a velhice, porque não acreditavam que um dia, pudessem alcançar uma idade avançada.

P1- “E eu achava que nunca ia envelhecer. Nunca me preocupei com isso”.

O envelhecer, no futuro, era um sentido que não estava presente, naquele presente, sendo, portanto, desnecessário se preparar e pensar nele. A vida as envolveu em tantas questões importantes e urgentes, que a cotidianidade não dava espaço para pensar num futuro e improvável envelhecimento.

P1- “Nunca pensei. Só pensei em ter a minha vida com meus filhos, netos, a família farta. Nunca pensei em envelhecer”.

O tempo foi vivido e a vida teve sua continuação com um inevitável desgaste físico que não foi percebido. Continuam falando de um presente precioso e contínuo, onde as possibilidades de ser, só podem ser realizadas no agora da vida. Isso pode ser verificado pelo fato de elas não serem aposentadas e hoje viverem dos recursos providentes da pensão de seus maridos.

P2- “Eu achava que não ia envelhecer, tanto é que eu nunca paguei o INSS porque eu falava que eu não vou viver pra receber. Não vou dar dinheiro pro governo. (risos). Então eu achava que eu ia morrer cedo. Aí continuei a vida sem perceber que tô vivendo e tô velha! (risos)”.

A velhice chegou, sem piedade, sem preparo, sem programação e sem a auto percepção deste processo contínuo e inevitável de envelhecimento. Segundo Soares (2012), apontando uma compreensão de Mercadante, o velho é o outro. É este “outro” que envelhece e tem perdas físicas e morre. O sujeito não pode ter uma experiência plena do ser velho. A velhice, a decadência e a finitude são realidades que só podem ser percebidas quando apontadas pelo outro das nossas relações.

Agora, depois de viver mais de 70 anos, elas reconhecem o envelhecimento do corpo ao longo dos anos e os cuidados com a saúde que precisam empenhar para manter a vida e a independência. Estas narrativas foram atravessadas por uma sutileza que se apresentou quando questionadas sobre qual o significado de ser idosa, hoje.

Percebemos que elas pontuaram o envelhecimento difícil e sofrido dos seus pais e o quanto eles demandaram cuidados por parte dos filhos. Isso parece não estar sendo sentido do mesmo jeito, agora, na sua fase de envelhecida, pois falam que hoje se sentem mais “dinâmicas” e independentes, se comparadas com o passado.

P2- “Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica”. “ Não viver como as viúvas de antigamente, morriam elas também né! Hoje em dia não morremos, a gente continua vivendo”.

Pergunto-me se a autonomia de vida, o auto cuidado e o sentido de independência podem estar funcionando como suporte para esta percepção de um envelhecimento mais saudável. As doenças, hoje, são problemas que as preocupam, mas, aparentemente, elas têm um melhor controle sobre as questões quem envolvem a saúde, e falam das perdas físicas, não como portadoras de má qualidade de vida, pois fazem os acompanhamentos médicos de forma contínua e conscientes do valor de gozar a vida com boa saúde.

P1- “... então agora por causa da vista eles me proibiram (...) Mas a hora que eu puser os óculos, ninguém me segura de novo, se eu continuar com saúde, claro né? Também tenho consciência do que eu posso, do que não posso, né?”

4.4.2 A mulher idosa na família e seus sentidos: da impropriedade à libertação.

A viuvez é uma palavra feminina e sua realidade social também é representada por um expressivo percentual de mulheres viúvas, segundo alguns autores (Bee, Cervený, Nery, Mc Goldrick, Debert, Censo IBGE 2010). Muitas dessas mulheres estão vivenciando esta fase do ciclo vital familiar, morando sozinhas, como é o caso das viúvas voluntárias da minha pesquisa. Estas mulheres viúvas, hoje estão com idade variando entre 70 e 78 anos, portanto, são produtos de uma época histórica e cultural diferente do papel familiar da mulher adulta, na contemporaneidade. Carter e Mc Goldrick discorrem sobre o histórico do papel familiar destas mulheres.

“As mulheres sempre desempenharam um papel central nas famílias, mas a ideia de que elas têm um ciclo de vida à parte de seus papéis como esposa e mãe é uma ideia relativamente recente, e ainda não amplamente aceita em nossa cultura. A expectativa em relação às mulheres tem sido a de que elas cuidariam das necessidades dos outros: primeiro dos homens, depois das crianças, e depois dos idosos. Até muito recentemente, o “desenvolvimento humano”, referia-se ao desenvolvimento masculino, e o desenvolvimento das mulheres era definido pelos homens de sua vida. Elas passavam de filhas a esposas, a mães, com seu status definido pelo homem no relacionamento, e seu papel e sua posição no ciclo de vida familiar. Raramente era aceito que elas tinham uma vida própria” (CARTER E MC GOLDRICK, 1995, p.30.)

Em minha pesquisa, pude pinçar várias narrativas que corroboraram esta realidade histórica, onde o papel da mulher era desempenhado a partir da necessidade da família de ter uma esposa, mãe e cuidadora da família extensa.

P3- “Porque o papai era militar, então... nossa! Regras em casa. Então eu era muito obediente. Então se você já nasce com uma pessoa te comandando, aí você

casa com uma outra que continua o comando, então você se torna obediente. Você continua obediente. Então eu não tinha autonomia pra nada. Eu te falo que eu lavava, passava mas isso era coisa de mulher, era coisa que eu tinha que resolver. Eu resolvia”.

Vem de Vincent (2009), em “A Historia da Vida Privada”, uma citação de Delphy que ilustra a realidade social que permeava a rotina da família e do casamento ao longo do século passado.

“O casamento é um modo de produção doméstico que se caracteriza pela extorsão de um trabalho gratuito de uma categoria da população, as esposas. O contrato de casamento constitui uma forma particular de contrato de trabalho, não explicitado como tal, pelo qual o marido se apropria da força de trabalho da esposa”. (VINCENT, 2009, p.276)

A narrativa desta mulher-esposa-mãe, ilustra a realidade do papel desempenhado por ela no seio da família.

P2 – “Desde que eu me casei eu me via assim: eu tinha... sempre eu tive com a minha família os horários pra tudo. Tinha horário pro café da manhã, horário do almoço, horário do café da tarde, horário da janta, tudo no horário certinho, meu marido chegava em casa encontrava meus filhos todos tomado banho já, a janta estava pronta quando ele chegava, quando ele chegava, enquanto ele tomava o banho dele, eu já punha na mesa, a gente sentava todos juntos, jantávamos juntos. Então era um compromisso que eu tinha comigo. Isso aí eu nunca deixaria”.

O papel da mulher era altamente prescritivo e parecia colocá-la no desempenho de um modo de ser impróprio. Elas dedicaram os dias de suas vidas em função das necessidades do marido, dos filhos e da casa, vivendo a

cotidianidade num modo de ser impessoal ou impróprio. Segundo Critelli, (2006), o sujeito que vive na impropriedade é aquele de um vir a ser de uma obra conjunta dos outros, tornando-se quem os outros desejariam que ele fosse. É um sujeito que passa boa parte da vida seduzido, diluído no modo de ser dos outros, sendo apenas palco para a determinação, para a ação e para a finalidade dos outros.

Assim caminhou a história de nossas participantes da pesquisa. Uma vida inteira dedicada ao lar, vivenciando cada parte do ciclo desenvolvimental familiar, desde o seu casamento, o nascimento dos filhos, as dificuldades com os filhos adolescentes, as escolhas profissionais dos filhos jovens, o casamento de seus próprios filhos, a expansão da família, a chegada dos netos e finalmente chegando na “fase última” do ciclo vital familiar, acrescido de um agravante, inicialmente muito traumático: a viuvez.

Depois de uma longa vida de casada, o marido morre. Elas ficam sozinhas com seus filhos adultos. Estas mulheres-esposas-mães vivenciaram, cada uma de seu modo, um período inicial de luto. A sensação de ter perdido parte de si mesmo, e, o medo de enfrentar as dificuldades da vida em família, foram expressos na narrativa de uma participante.

P3- “Foi bem impactante”. “Eu me sentia nos primeiros meses então, nossa chegava final de semana eu ia pro cemitério ficava o dia inteiro lá”. “ Depois que eu superei, que demorou, demorou uns dois anos, sabe. Foi até então, nossa eu ficava aqui nessa casa chorava coisa e tal”. “Pelo fato de eu me ver, de repente , sozinha com todos os compromissos que eu desconhecia até então, tendo que aprender, é

como uma criança aprendendo a andar, foi o que me aconteceu. Eu tive que aprender dia a dia, um... surgia um novo problema, tive que aprender a resolver aquele problema, outro que surgia eu tive que aprender. Então foi um aprendizado”.

Esta crise enfrentada no ciclo de vida familiar pode ter sido uma forma destas mulheres se abrirem para a possibilidade de um modo de ser próprio de si mesmas. A angústia vivida traz um vazio diante da mulher viúva, e, é essa experiência de vazio que pode ter facilitado a sua percepção de quanto estava dominada, envolvida em situações e necessidades dos outros. Abre-se então, segundo a autora acima citada, a possibilidade de ser próprio, ou seja, de escolher ser, segundo suas próprias necessidades e empunhar este poder de escolha.

P3-“ Eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade”. “Mas não foi difícil não, porque independência é tão bom, menina! (risos)”. “É como você acordar de um pesadelo”.

A partir da frase expressada pela participante da pesquisa *“porque independência é tão bom, menina!”* inicio a análise do sentido de independência e libertação. A construção do sentido de independência parece ter se originado no trauma da viuvez e seu período subsequente.

Estas mulheres receberam apoio inicial de seus familiares, e, aos poucos, Tateando o caminho, fazendo uso das experiências adquiridas ao longo da vida, observando as outras mulheres viúvas e suas interações nos grupos de terceira idade que frequentavam, realizando o processo de seleção de comportamentos,

valores morais, afetivos e sociais, é que puderam, paulatinamente, efetivar a construção de um modo de “ser próprio de si mesmo”, ou seja, individualizaram-se de um sentido coletivo de viver.

P1- “...eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu!”.

P3- “Eu só aviso que eu vou pra tal lugar. Eu não peço permissão. Eu aviso. Então eu chego, a hora que chego lá, no lugar, eu ligo: Olha cheguei! Tá tudo bem, a viagem correu bem!”.

A partir de então, as narrativas são pontuadas de histórias onde as viúvas participam, em maior ou menor intensidade, de atividades sociais, fora do contexto exclusivamente familiar. As atividades relatadas são reuniões de comunidades religiosas, cursos diversos, viagens em grupo, bailes de terceira idade, frequentam cinema e incluem também eventos culturais com netos, filhos e amigos. As viúvas referem ser importante a presença de amigos e consideram prazerosas as oportunidades de conversar e dividir vivências.

P1- “Eu tenho a minha casinha. Consigo viver sozinha, em tudo! Eu me levo em médico, eu me levo na praia, eu me levo pra passear, eu me levo!”

O sentido de independência parece estar associado a um modo de viver mais positivamente. Segundo Freire, (2.000), a velhice pode ser um momento onde a consciência da idade se apresenta como um elemento de realização e

experimentação de sentimentos de felicidade. O idoso atuante e integrado em seu meio social, pode identificar, não somente as perdas, mas também as virtudes da velhice, explorando seu potencial para mudanças e fazendo uso de reservas inexploradas, descobrindo as riquezas de uma vida vivida, plenamente, até seu fim.

4.4.3 A família e seus papéis.

Neste núcleo de sentido exploro os contextos que se relacionaram com a família uniparental e a família estendida da mulher viúva e idosa, onde pude encontrar os papéis tradicionais sendo vivenciados com prazer, outros, sendo explorados e outros ainda, já devidamente instalados na família.

Pude encontrar narrativas que explicitaram como se dava o cuidado com os idosos adoentados da família. A sobrecarga de trabalho diário parecia ser grande, mas, como filhas abnegadas, essas mulheres se empenhavam nos cuidados dos pais idosos e adoecidos, até o final de suas vidas. A dupla jornada de trabalho e responsabilidade emocional se estendia na manutenção da sua família atual, desvelando-se ainda, com os cuidados necessários para um bom desenvolvimento de todos, no seu lar.

P1- "Todos os dias eu descia de manhã fazia o serviço da casa da minha mãe. Lavava, passava, cozinava e dava o almoço. Aí eu subia pra dar o almoço pros meus filhos que estavam chegando da escola e cuidava da minha casa". "Não, meu irmão na época era recém-casado, a mulher dele era meio possessiva, era

difícil. Ele visitava assim rapidinho na hora... no meio do trabalho ele dava uma olhadinha nela, e era de vez em quando”.

Verificamos, que, conforme a literatura descreve, Carter e Mc Goldrick (1995) – Vincent (2009), além de cuidar da manutenção dos relacionamentos familiares, cuidar de idosos é tarefa eminentemente feminina. Às mulheres cabe o papel de cuidar de seus maridos e filhos, cuidar de seus pais envelhecidos e também dos pais de seus maridos. Os homens das famílias participantes de minha pesquisa, segundo suas narrativas, procuravam esquivar-se destes cuidados de manutenção, e, até mesmo, buscavam justificativas para escapular de uma relação mais íntima e comprometedora com o progenitor adoecido.

Se os homens tendem a se afastar emocionalmente, as mulheres fazem um percurso contrário. Investigando o papel da viúva na vida atual da família, agora, na posição de avós, elas relataram terem desenvolvido com os netos, relações vinculares muito estreitas e satisfatórias. Isso pode se dar em função da isenção das responsabilidades do papel de pais e cuidadores, com as avós funcionando como uma válvula de escape, ou um lugar emocionalmente seguro nas situações de conflitos familiares.

O sentido de pertinência num sistema familiar está inscrito na herança genética que se pode deixar aos descendentes. As participantes da pesquisa já têm netos, chegando sua linhagem à terceira geração, e, uma delas, bisnetos, vendo, portanto, o existir de sua quarta geração. Segundo Walsh (1995) a condição de avó

é um ponto nodal no ciclo da vida e um movimento sistêmico que tem poder de alterar os relacionamentos familiares, e suscita novas e significativas interações.

Na condição de avós, revivenciam as experiências de mãe, agora, com novas perspectivas, propiciando revisão e aceitação da própria vida, com suas construções, afetos, perdas e conquistas, enriquecendo este estágio final da vida.

P2- “Eu fiquei tão feliz, eu fiquei tão feliz, eu não sei, uma sensação... não sei, que eles me amam, sei lá, me consideram, sei lá.... Porque tão ali, junto comigo, do meu lado, um ajuda fazer uma coisa, outro ajuda fazer outra, outro dá opinião, sei lá... eu acho gostoso!”.

Quando as participantes da pesquisa relataram suas experiências de crianças na convivência com seus próprios avós, as narrativas se entrelaçaram e os sentidos puderam ser novamente revividos. As figuras dos avós ou dos parentes idosos foram descritas como carinhosas, compreensivas e estimuladoras. Este lugar emocionalmente seguro, de conforto e de significação social, encontrado na figura do avô, ou de idosos de sua infância, agora, pode ser oferecido a sua geração posterior, intensificando o sentido de continuidade geracional e significação de vida. Pedrosa, (2006).

P2 – “ Meu avô era um homem muito carinhoso, sabe(...) . Então o carinho tudo era meus avós, meus tios, essa minha tia velhinha, que às vezes assim, festas ela dava um dinheirinho pros sobrinhos. Então dava um real, seria um cruzeiro, pra mim dava cinco!.”.

Estas mesmas lembranças são atravessadas por relatos das dificuldades percebidas na vida dos idosos da época de sua infância. Os avós foram indivíduos nascidos no final do século XIX e alvorecer do século XX e, portanto, atores circunscritos em outro cenário social e condições de vida, onde a velhice era um conceito que oscilava culturalmente e estava atrelada às condições de poder patriarcal e bens materiais. O idoso abastado obtinha, assim, respeitabilidade, inclusão social, cuidados com a saúde e espaço para usufruir da velhice, isentando-se do trabalho árduo e contínuo.

P2- “Eu não sei por que aquela época a gente não dá pra perceber assim, porque a pessoa na época, o velho, o idoso... uns trabalhavam direto até quase que na hora de morrer”.

As participantes são oriundas de famílias de agricultores, portanto, os direitos de seguridades sociais, como a aposentadoria, ainda estavam em seu nascedouro para outras categorias organizadas da sociedade. As primeiras leis de aposentadoria para idosos agricultores, datam da década de 70, segundo Peixoto (2003).

Estes indivíduos tinham o envelhecimento associado a condições materiais escassas, as doenças incapacitantes, as perdas contínuas de mobilidade, associadas a dependência de cuidados das mulheres das gerações posteriores da família extensa. As contínuas perdas da velhice faziam desta fase do ciclo vital humano e familiar, uma das fases mais difíceis de ser vivida.

Tencionei investigar também de que forma a mulher viúva procede para manter os laços afetivos e as tradições familiares com os filhos, netos, genros e noras, neste momento de seu ciclo vital onde ela parece estar desfrutando de maior liberdade e independência.

A partir das entrevistas pude constatar que estas mulheres procuraram manter vivas suas crenças e valores, através de rituais religiosos e das celebrações mais importantes no calendário do seu sistema familiar. Os encontros dominicais, na casa da avó, que segundo Cervený (2002), é lugar aglutinador de filhos, os acontecimentos das festas de aniversário, natal, ano novo, são narrativas entusiásticas do valor e do apreço que elas dispensam aos familiares. A casa cheia de filhos, genros, noras, netas e seus namorados parecem propiciar à mulher idosa um sentido de integração e pertinência no sistema familiar.

A família estendida é permeada de novos membros, através do casamento de seus filhos. Cada inclusão no sistema familiar vem com uma carga de valores e representações sociais específicas, pois cada um desses membros é oriundo de uma cultura familiar diferente. Esta mistura pode causar conflitos e crises familiares, dependendo de como os casais organizam os valores da nova família. Apesar das viúvas referirem uma relativa harmonia na família extensa, os relatos apresentaram períodos de conflitos familiares.

P3- “A minha família é assim toda unida. Teve uma época que houve “pega pra capá” dali, sabe (...) entre os agregados. Agregados quer dizer nora e genro, ne?(...) . a tua família tem um jeito de ser, tem uma certa personalidade. Agora se

entra outro de fora, já é um outro mundo, o deles e é quando às vezes entra em atrito, mas graças a Deus esse período ruim já passou”.

Historicamente, coube à mulher manter costurado os laços emocionais entre os membros da família, tecendo com fios invisíveis os alinhavos das boas relações. Segundo a autora acima citada, cabe a sogra a posição diplomática de mediadora das questões que envolvem os filhos com suas novas aquisições. Sua experiência de vida acumulada é usada como facilitador para o convívio com os diferentes valores familiares trazidos pelos agregados, disponibilizando escuta, aconselhando as partes envolvidas no conflito e interagindo para manter a harmonia e a convivência respeitosa dentro da família expandida.

Na investigação dos novos papéis familiares compreendi que depois de vivenciada a crise familiar da viuvez a família inteira sofreu um rearranjo interno para adequar a vida nas novas condições que foram apresentadas. Nestas famílias os filhos, ou estavam casados constituindo suas próprias famílias, ou tinham se tornado independentes da família de origem. Elas relataram que foram cuidadoras dos pais em sua velhice, e foram também, cuidadoras dos pais envelhecidos de seus maridos e, de outros idosos pertencentes a família.

Seria “natural” que elas esperassem e aceitassem que seus filhos as tomassem como objeto de cuidado e tutela, agora na sua velhice. No entanto, estas viúvas passaram por um processo de resignificação de seu próprio papel familiar

que foi fruto das experiências nos sistemas sociais, que discutirei em seguida, e assumiram uma nova postura perante a família extensa.

Embora as participantes afirmassem que não houve mudanças nos papéis dos familiares, me pareceu que houve um empenho em capacitar a mãe para enfrentar as possíveis dificuldades que seriam encontradas na operação do dia a dia. Esta, se apropriando de seu novo papel, agora de mulher viúva, e não com pouco sofrimento, foi se intimizando com as novas tarefas do seu ciclo vital.

P3- “Apesar de ter todo o apoio dos meus filhos, e meu filho ensinar como mexer nos cartõezinhos, como fazer isso, me levou no banco, em todo quanto era lugar, o que precisava ser feito eu ia, era eu quem tinha que estar presente(..) Então assim foi indo, foi indo até eu me soltar. Graças a Deus, agora eu já sei de tudo”.

A literatura, Carter e Mc Goldrick, (1995) – Cervený, (2002), nos fala que para os filhos, o cuidado com os idosos é uma crise familiar, onde, nem sempre, os seus membros conseguem encontrar alternativas viáveis de prestar estes cuidados. As mudanças internas na família do filho cuidador são intensas e profundas. Muitas vezes podem gerar situações de convívio frutífero e harmonioso entre avós, filhos e netos, ou seja; na intergeracionalidade familiar. Em outros casos pode ocasionar conflitos, a medida que o idoso vai perdendo suas capacidades funcionais e demandando maiores cuidados.

Pude pensar que estimular a independência da mãe viúva não deixou de ser uma estratégia, no presente, de equacionar um problema para os filhos dentro de

seu próprio sistema, no futuro. Embora, no caso das participantes, não se pode afirmar que elas manterão o estilo de vida independente e autônomo até a morte, ou se perderão suas competência físicas e psicológicas, necessitando de cuidados mais intensos dos familiares ou de instituições especializadas no cuidado do idoso doente, ou com perdas físicas e cognitivas severas.

P2 – “Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não se ocupam, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega”.

Durante as análises, pude perceber nas entrelinhas, que embora as idosas narrem, orgulhosamente, que tem estima pela autonomia e independência usufruída no dia a dia, e que, a família está sempre presente quando solicitada, ficaram explicitadas algumas narrativas onde pude ler um sentido de ausência familiar percebida e perdoada.

P1- “Mas dependendo dos compromissos dele, às vezes fica quinze, vinte, trinta dias sem vir. Mas eu não sinto que seja um abandono”.

Walsh, (1995) citando autores como Butler & Lewis (1983), Taeuber (1983), fala que este padrão de vínculo e apoio mútuo foi convenientemente chamado de “intimidade a distância”. O cuidado com a mãe idosa parece estar sendo prestado, via telefone, para apoios pontuais. Os acontecimentos mais relevantes são acompanhados pelas redes sociais, cujo aprendizado e uso das tecnologias, como celular e computador, foram estimulados e ensinados principalmente pelos netos.

Assim as trocas de afeto e o sentido de pertencimento e filiação se fortalecem a distância. Ainda, segundo Debert, (2012), esse tipo de relação a distância, não implica, necessariamente, numa mudança qualitativa nas relações entre as gerações na família.

Para Cervený, (2002), o padrão de relação estabelecido pelos filhos, agora desempenhando o papel no ciclo de desenvolvimento vital de sua própria família, pode levar a negligenciar a intensidade do cuidado com seus pais envelhecidos. Isso ainda pode ser agravado pela distância das moradias, pelas novas intercorrências no seu próprio ciclo vital, como casamento dos filhos e chegada de netos.

Passo então, a inferir que a sensação relatada pela viúva idosa, de que não está se sentindo abandonada pelos filhos, pode estar sendo ativada por um mecanismo de compensação criado pelo desenvolvimento de atividades em um novo círculo de relações pessoais, cultivadas na comunidade onde moram, nas relações vinculadas às instituições religiosas e nos grupos de terceira idade.

Interessou-me compreender como, atualmente, os filhos percebem e se relacionam com esta mãe viúva e independente, principalmente nos aspectos das interações de gêneros, dos novos relacionamentos pessoais e emocionais, explorando os sentidos e valores que estão aí implícitos.

As narrativas contam que os filhos parecem estar plenamente de acordo com este modo independente de viver da mãe. Elas se apoiam no fato de terem se casado, constituído família, educado as crianças, desenvolvidos valores familiares e sociais, que formaram a base de desenvolvimento dos filhos, e isso, os estruturou para darem continuidade em suas próprias vidas. Estas mulheres foram fiéis na relação com o marido, até a separação definitiva pela morte deles.

P2- “Logo recuperei (do luto). Logo me senti assim, como se diz, obrigada a fazer, eu tinha que me decidir, não podia... eu não ia me entregar aos cuidados dos meus filhos”.

Passado o período de luto e de reestruturação do sistema familiar, elas contam que as medidas de apoio para o desfrute desta independência de vida, variaram de acordo com cada cultura familiar. Expressões de total liberdade de escolhas, de ir e vir e de ação no mundo, permeiam seus discursos. Elas relatam que os filhos ficam contentes por elas estarem levando uma vida emocional e socialmente satisfatória.

Isso parece contribuir para aliviar os cuidados que eles deveriam dispensar com o acompanhamento em atividades de lazer e cuidados com a mãe idosa. Fez-me pensar se, na contemporaneidade uma relação mais autônoma e independente de laços familiares muito estreitos, que possam gerar dependência mútua, não esteja sendo uma nova forma mais salutar de vivenciar as relações familiares para a mulher idosa e viúva.

Tive dificuldades para encontrar na literatura, pesquisas que compreendessem e classificassem estes novos papéis dos filhos. Segundo Walsh:

“Uma vez que as pessoas estão vivendo mais tempo do que no passado, nós carecemos de modelos de papel para as relações familiares num estágio tardio de vida, exatamente como carecemos de rótulos e definições de papéis apropriados” (WALSH, 1995 p. 283).

Em todas as entrevistas pude pinçar expressões que contradizem, em parte, esta “total liberdade”, permeadas com valores sociais e conceitos de moralidade, oriundos principalmente dos filhos homens, que ainda tentam estabelecer um padrão de comportamento aceitável, para uma mulher, mesmo esta mulher sendo a própria mãe.

P1- “Uma total liberdade. Apesar que, dependendo a pessoa, eles não querem que eu saia. Eles acham que a pessoa... eles querem que eu me divirta, que eu saia, que eu passeie , mas eles não querem me ver que nem essas senhorinhas por aí não!”(...) “ Não pode ser vulgar”.

Os valores socialmente constituídos por cada família, ao longo do tempo, são agora, reaplicados pelos filhos, na vida de idosa da mãe, embora isso não apareça ostensivamente, os relatos são permeados de pedidos de ações cuidadosas nas interações com as novas amigas, salientando a importância delas se relacionarem com pessoas no mesmo nível social. Os momentos em que os familiares mais expressam cuidados com a liberdade da mãe idosa, parecem ser aqueles em que elas realizam viagens e passeios muito longe de casa.

4.4.4 Movimentos sociais e recasamento.

Um dos objetivos específicos desta pesquisa era de perscrutar se os grupos de movimentos de terceira idade, quer sejam de instituições religiosas, sociais, comunitárias ou particulares, poderiam, de alguma forma, oferecer suporte emocional que favorecesse a passagem para uma nova maneira de significar seu papel consigo mesmo, na sua história de vida pessoal e familiar.

A partir do que pude apreender nas falas das participantes da pesquisa, percebi que as idosas inseridas dentro de um movimento social, parecem estar vivenciando um novo sentido nas suas vidas. Elas se veem no privilégio de desfrutar de atividades que até então não lhes foram permitidas. A viuvez na terceira da idade parece representar um momento em que essas mulheres idosas se dispõem a experimentar uma condição de vida, diferente daquela vivenciada no decorrer da sua história.

Segundo Kunrath, (2001), os movimentos sociais de terceira idade consideram o idoso a partir de suas necessidades físicas, psicológicas, sociais, econômicas e culturais integradas como um todo. A velhice não é negada, mas a inserção nos diferentes grupos propicia aos indivíduos mostrar-se, também nesta fase da vida, como cidadãos que contribuem, que tem participação social e podem viver mais dignamente.

É nestes grupos que a idosa que viveu apenas para a família, os filhos e sua casa, começa a aprender novos valores e sentidos que impulsionam a rever os

cuidados com a saúde, com a alimentação, com o corpo e com a alma, apreciar a liberdade de ir e vir, cultivar novas amizades e cuidar das relações sociais.

P3-“ Me ensinou a me soltar e conversando com outras pessoas que normalmente... você vai nesses passeios essas coisas, você vai com pessoas estranhas, aí você faz novas amizades, então você ouve uma coisa, ouve outra, então você vai ficando mais alerta. Outras pessoas que já estão viúvas há mais tempo, e que são mais atiradas, tem um temperamento diferente. Então: Não! Desse jeito que tá, não dá. O (jeito) dela é melhor do que do meu”.

Soares (2013), fala que o período da velhice pode ser um processo de construção de si mesmo e que o avanço da idade não elimina dos sujeitos a capacidade de individualizar-se. Pode ser um período do ciclo vital familiar em que estas mulheres tem a possibilidade de parar de viver exclusivamente para os outros e, de dar significados às suas próprias vivências.

Esta individualização se processa quando se constelam condições sociais como saúde, situação familiar e recursos financeiros, e não implica uma independência absoluta da família e dos meios da comunidade onde habita, mas acontece juntamente com eles e também através deles.

P3- “ É como você acordar de um pesadelo. É como você acordar... é a mesma coisa você abrir a gaiola, e o passarinho voar”.

Este “acordar” parece ser um momento propício para se construir novos sentidos, rever valores, crenças, cujo processo de construção é lento e doloroso mas aos poucos vai proporcionando a auto aceitação, estimulando a autonomia e as relações mais positivas com os outros. Os atritos gerados na convivência com diferentes e novos sistemas sociais se revelam dinâmicos e dialéticos. Estimulam a construção de um crescimento contínuo e desenvolvimento como pessoa, gerando o desejo de se envolver em novos propósitos para a vida na fase última do ciclo vital familiar.

As participantes desta pesquisa relataram que fazem, junto aos grupos de terceira idade, atividades de condicionamento físico, dança, reuniões de amigos, muitos passeios, festas, cinema, viagens nacionais e internacionais, e estes, são contados e historiados nos meios sociais, como a expressão máxima de sua independência, de poder aquisitivo e realizações pessoais. Todas estas atividades sociais são realizadas em grupos mistos, onde o encontro com o sexo oposto é objeto de fruição de desejos e de conquistas.

Pude perceber aqui um movimento contraditório em si mesmo que está pouco referenciado na literatura científica, seja pela ciência da psicologia ou da sociologia que se ocupam em estudar novos comportamentos sociais. Trata-se do desejo de encontrar uma companhia masculina para realizar atividades sociais.

Estas viúvas foram oriundas de uma cultura temporal e histórica onde as mulheres obtinham realização pessoal e social através do casamento e da

constituição de um lar e uma família. (Vincent, 2009). A contradição percebida após a realização da pesquisa refere-se ao fato destas mulheres se manifestarem contra o estabelecimento de uma relação estável e duradoura, através de um contrato socialmente aceitável, como o casamento.

P1- “Impensável! Não cogito de jeito nenhum, nem cogitei dez anos atrás. Eu sinto falta de companhia. Não to falando que sinto falta de homem, eu sinto falta de companhia. Porque eu tenho lugares que sempre andei sozinha, ou pegar um amigo, hoje em dia tá perigoso você sair a noite, essas coisas. Eu sinto falta de companhia. Só. Mas casamento, relacionamento, não”.

Ficou-me a interrogação se o que subjaz estas afirmações pode estar relacionado com um casamento difícil e com uma vida determinada pela necessidade dos familiares, ou se aqui pode ter sido manifestado um elevado apreço pelas conquistas sociais, pela liberdade adquirida após a viuvez ou pelo novo sentido da vida após o processo de individuação.

Entendo que estes resultados não podem ser generalizados para a categoria “mulheres viúvas na terceira idade”. Entretanto apontam a necessidade das várias ciências sociais, entre elas a Psicologia, de concentrar esforços de pesquisa, objetivando clarear a diversidade dos sentidos e desejos desta crescente parcela da população que aspira estar acompanhada de homens, mas não deseja se casar novamente.

PARTE V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os resultados produzidos nesta pesquisa, pude pensar que, de muitas formas, os sentidos observados expressam um quadro de realidade social na contemporaneidade. Ao tecer estas considerações sobre os novos, e também sobre os tradicionais papéis familiares, levei em conta que as participantes do sistema familiar são afetadas pelo processo da circularidade, onde influenciam e são influenciadas pelos inúmeros integrantes dos sistemas em que atuam.

Em cada um destes sistemas, as influências recebidas são de diferentes ordens, passando pelas dimensões psicológica, familiar e social. Vou segmentar minha compreensão, como uma medida didática, mas se faz relevante destacar que elas ocorreram de forma conjunta e simultânea.

A percepção do envelhecimento humano, na sua dimensão psicológica, salientou um conceito largamente difundido entre as ciências que estudam a psique humana: “Velho é o outro”. Quando pesquisei o papel familiar entre os diferentes níveis geracionais, agora dimensionados na visão do envelhecimento dos indivíduos que integravam seus círculos de convivência íntima, pude concluir que, para os voluntários da minha pesquisa, este “outro” envelhecido teve diferentes valores na história da família, e nas gerações que se interpenetravam ao longo do tempo.

Na infância, o idoso era reconhecido como uma figura mágica de acolhimento e proteção. Era a manifestação do imaginário social do vovô bonzinho. Esta percepção do envelhecimento dos familiares foi sendo alterada conforme amadurecimento, acrescidos da necessidade de cuidar de parentes envelhecidos. Esses cuidados estavam intimamente ligados à percepção de sofrimento, perdas físicas, dependência, doenças e com a morte. A homeostase sistêmica foi sendo mantida e o tempo foi vivido trazendo como resultado um inevitável desgaste físico que não foi percebido pelas mulheres desta pesquisa.

Com a compreensão que estão vivendo com quase oitenta anos de vida e sendo apontadas como idosas pelo outro da sua convivência familiar e social, estas mulheres ainda não se sentem “velhas”, como percebiam a velhice de dependência, perdas físicas e doenças de seus pais. Elas falam que, hoje se sentem mais dinâmicas e independentes, se comparadas com o papel de suas próprias mães e avós, no passado.

No jogo das perdas e ganhos que se constelam ao longo de cada fase da vida, esta mulher viúva e idosa que investigo aqui, ainda não se sente “velha”. Este movimento me fez pensar que a idade cronológica parece conflitar com a idade psicológica representada pela disposição de corpo e espírito dessas mulheres. E o velho continua sendo o outro.

Pude inferir que a autonomia de vida, a disponibilidade de tempo para o auto cuidado, e o sentido de independência de vida, na atualidade, estejam funcionando como suporte para esta percepção de uma vida mais significativa.

Na sua dimensão familiar e social, a mulher idosa e viúva de minha pesquisa passou a vida mergulhada num sentido impróprio de ser, ou seja, viveu para as necessidades dos membros de sua família de origem e família atual, colocando os valores e os desejos deles acima dos seus próprios. Ela foi elemento cuidador, orientador, mantenedor de tarefas básicas de sobrevivência dentro do seu lar, assim como o elo emocional de toda a estrutura familiar.

A crise familiar ocorrida com a morte do marido, o doloroso processo de luto, o fato dos filhos já terem sido lançados ao mundo e a maturidade emocional, entre outros fatores sociais, foram elementos impulsionadores para iniciar uma revisão no seu modo de vida. A lenta apropriação de um modo individualizando de ser foi sendo retroalimentada pelos outros sistemas que envolviam a família estendida favorecendo suas ações no mundo.

Escolher morar sozinha em sua própria casa e independentizar-se dos cuidados intensos dos familiares, parece ter quebrado seu modelo interno e tradicional de filhos cuidadores de pais envelhecidos. Isso desafiou sua própria capacidade de auto cuidado. Sentindo-se competente para isso, elas foram aos poucos, participando mais ativamente de meios sociais com indivíduos de sua

geração, com necessidades e valores muito próximos aos seus, favorecendo experiências em outros contextos que não os exclusivamente familiares.

A partir da visualização de outra maneira de viver a vida, elas foram selecionando valores morais, sociais, familiares e culturais que achavam possível aplicar em sua realidade, a partir de suas competências e desejos de independência. A participação em outros sistemas sociais foi ampliando suas percepções de mundo e ancorando a consciência da idade e necessidades de autocuidados. Estas mulheres idosas conseguem identificar as perdas e virtudes da velhice e acessar recursos, até então não explorados para programar e sustentar novas ações no mundo.

Na dimensão social, os grupos de terceira idade foram um dos mobilizadores de energia para a transformação do papel da mulher viúva no interior da célula familiar. É nessa relação com o seu outro igual que essa mulher viúva autentica um modo de ser próprio. É no outro que ela visualiza um modo de viver diferente, cujos comportamentos e valores passam pelo seu crivo pessoal, adequando-os a sua realidade interna e explorando as possibilidades de ser vivenciados em sua família e sociedade.

Esses novos inputs que recebe dos meios sociais de grupos de terceira idade contribuem para mudar a morfogênese do sistema aberto de sua família. É no *feedback* positivo que os desvios são ampliados favorecendo novos aprendizados e a evolução dos sistemas, desmistificando e desprendendo assim, os conceitos e

pré-conceitos, criados pela cultura e vividos por elas em relação à velhice. Período este, entendido como fase de improdutividade, dependência, depreciação social e finitude do corpo.

Uma contradição comportamental observada na pesquisa foi o fato das mulheres idosas desejarem estar acompanhadas de um homem para realização de atividades sociais e públicas, mas não terem como aspiração final a união pelo casamento. Trata-se de uma alteração no padrão básico do funcionamento do sistema social tradicional.

Fica assim um questionamento para as diferentes ciências que estudam o comportamento humano. Esta modificação pode estar vinculada a um casamento difícil, ou ao apreço pelas conquistas alcançadas na velhice, principalmente pela liberdade de circular entre os diferentes sistemas sem maiores comprometimentos?

Compreendemos que os resultados aqui obtidos não se aplicam à imensa maioria dos cidadãos Brasileiros idosos. A grande maioria ainda padece dos estigmas da velhice dentro da própria família e na sociedade. A mudança que observamos e descrevemos aqui, ocorre com indivíduos participantes de movimentos de terceira idade que proporcionam espaços para que esta ressignificação pessoal se processe. A homeostase sistêmica de um padrão de comportamento está sendo quebrada expondo outras formas de viver com mais felicidade, participação social e saúde.

A mulher viúva e idosa, objeto desse estudo é parte desse pequeno grupo de cidadãs que teve coragem para superar os desafios da concretude estigmatizada do papel da mulher idosa e viúva na família e também na sociedade.

Compreender os sentidos que estas mulheres atribuem aos novos movimentos permitidos em suas vidas, só é possível se não perdermos de vista que elas são multideterminadas e, por conseguinte, frutos da sua história. Na dimensão familiar, uma infinidade de papéis tradicionais ainda é desempenhada pela mulher viúva. Dentre eles, ressalto o papel de mãe, cuidadora dos filhos, pois ainda nesta idade, se permitem estar a disposição das necessidades dos filhos, sempre que solicitadas.

Muitas vezes, esta necessidade é representada pela presença da figura de avó, no cuidado e acompanhamento dos netos. Esse papel é desempenhado por estas mulheres com indícios de prazer, pois revivem o papel de mães de outrora e podem oferecer aos próprios netos, aquele lugar emocionalmente seguro que vivenciaram na infância com a convivência com seus próprios avós.

Outro papel tradicional dentro das famílias mantido pelas mulheres deste estudo é o de serem diplomatas no sentido de manter o bom relacionamento entre os diferentes sistemas que foram agregados pelos filhos, nas suas novas relações. Costurar os laços emocionais e manter uma relativa harmonia dentro da família estendida é tarefa que esta mulher viúva desempenha mantendo as crenças e tradições familiares, através dos rituais religiosos e festas.

A casa da avó é lugar valorizado por estabelecer um sentido de integração e pertinência num sistema familiar. Para a mulher viúva e idosa esse sentido de pertinência está inscrito na herança genética que deixou através de sua continuidade pelos filhos, netos e bisnetos.

Estes papéis tradicionais são mantidos juntamente com as modificações trazidas pelos eventos internos da família. Eles favoreceram a alteração na sua globalidade funcional permitindo algumas mudanças dentro do sistema familiar criando os novos papéis que me propus a investigar nesta pesquisa.

A condição de morar sozinha na velhice é um papel que quebra os padrões de comportamento esperado, e tradicionalmente desejado pela a mulher viúva. A percepção de que teve o papel fundamental na criação e desenvolvimento da sua família, fortaleceu-a para independentizar-se dos cuidados intensivos dos filhos. Outro fator que pode ter contribuído foi ter vivenciado uma velhice triste e penosa de seus próprios pais e avós.

Aquele desejo “natural” de ser cuidada pelos filhos se modificou sendo traduzido pela forma independente de viver sem a tutela dos filhos, mas não longe deles. Aqui pude inferir novos papéis familiares sendo construídos. A fluidez da vida moderna das novas famílias integrantes do sistema, parece ter encolhido o tempo e a disposição para cuidar das necessidades de terceiros.

O desejo de autonomia e liberdade da mãe, aliado às urgências da modernidade, estimularam os filhos a desenvolver estratégias de apoio, suporte e treinamento a uma relativa distância física da casa da mãe. A intimidade à distância é favorecida pelo uso de tecnologias de comunicação. Isso também pareceu uma estratégia para equacionar problemas no futuro, dentro do próprio sistema familiar dos filhos.

Os novos envolvimento emocional e social da mãe idosa são aceitos e estimulados pelos filhos, embora ainda coexistindo com uma discreta dose de moralidade manifestada pelos filhos homens. O sentimento manifestado pela ausência dos filhos na cotidianidade da mulher viúva e idosa parece estar sendo compensando pelas diferentes atividades desenvolvidas por elas, em novos círculos sociais na atualidade.

A autonomia para escolher como ocupar o tempo livre, o autocuidado com a saúde, a liberdade de ir e vir são padrões de comportamentos individualistas observados nos adultos da atualidade que estão sendo incorporados por estas mulheres viúvas e idosas.

Então concluo que, para os indivíduos aqui pesquisados, as experiências adquiridas ao longo da vida e a maturidade emocional, resgatam agora, outros sentidos de existir na velhice como um sujeito contínuo, transbordante de vida e de possibilidades de ser, com o outro e no seu mundo interno, como uma figura de múltiplas subjetividades.

Entender que o ciclo de vida familiar que está sendo vivenciado na fase última, ainda se apresenta como constituidor de novos papéis a serem desempenhados, evidenciando que no teatro da vida, suas possibilidades de novas interpretações só podem deixar de existir com a morte.

Se, como ciência, carecemos de modelos para as relações familiares na fase última da vida, também compreendemos que cada fase do ciclo vital é constituída de algumas perdas para serem aportados outros ganhos de desenvolvimento. Por que não convocarmos a Psicologia para aprofundar estudos que possam desenvolver recursos para produzir compensações afetivas, estratégias produtivas e inteligentes para superação de crises pessoais nesta fase última do ciclo vital familiar, maximizando este ganhos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M.M.L. de – Identidade e Memória. IN: Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BEE, H. – *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRUSCAGIN, C. B. – Revista Mente e Cérebro – Série Psicoterapias – Vol. 4, 2010. P. 41-64. Artigo: “*Terapia Familiar Sistêmica*”.

CAPRA, F. – O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARTER, B. MC GOLDRICK – As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. Maria Adriana Verissimo Veronese. – 2ª.ed. – Porto Alegre : Artes Medicas, 1995.

CERVENY, C.M.O. e BERTHOUD, C.M.E. – Visitando a família ao longo do ciclo vital – São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

CERVENY, C.M.O.- Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa. – Casa do Psicólogo, 1997.

CORTE, B. – *Comunicação: instrumento de formação para a longevidade*. In Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social / Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008.

CRITELLI, D.M. – Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasil Eliense, 2006.

DARTIGUES, A. – O que é a Fenomenologia? São Paulo: Centauro, 9ª. Ed. 2005.

DEBERT, G.G. – A Reinvenção da Velhice: Socialização e processo de Reprivatização do Envelhecimento. 1 ed. 2 reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

DONATI, P. – Família no século XXI: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

FREIRE, S.A. – Envelhecimento bem sucedido e bem estar psicológico. **IN:** NERI, A. L., FREIRE, S.A. (ORG) - E por falar em boa velhice. Campinas – São Paulo: Papirus, 2.000.

GRANDESSO, M. – Sobre a reconstrução do Significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. P. 196.

GOLDMAN F.P. e GOLDMAN, D.M. – Problemas Brasileiros – alguns aspectos sobre o processo de envelhecer. Piracicaba- São Paulo: Editora Franciscana, 1977.

KUNRATH, I.S. – Revista A Terceira Idade- SESC SP. No. 21. Fevereiro, 2001. Artigo: “A situação dos velhos no Brasil.

LOPES, R.G.C. – Velhos “indignos”: Investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantêm socialmente ativos – Tese de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUCSP, 1990.

MINAYO, M. C. S. – *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MINUCHIN, S. – Famílias: Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Medicas, 1982.

NERI, A. L., FREIRE, S.A. (ORG) - Qual a idade da velhice? - E por falar em boa velhice. Campinas – São Paulo: Papirus, 2.000.

PROST, A. VINCENT, G. – A historia da Vida Privada – Da primeira Guerra aos nossos dias. Trad. Denise Bottmann. – São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

PEIXOTO, C. – Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... **IN:** BARROS, M.M.L., (ORG) – Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e politica. 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PEDROSA, A., S. - Homens Idosos Avôs: Significado Dos Netos para o Cotidiano. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PETRINI, J.C. – Pós modernidade e família: Um itinerário de compreensão. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

PRETAT, J. R. – Envelhecer: O anos de declínio e a transformação da ultima fase da vida. São Paulo: Paulus, 1997.

REY, F. G. – *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação.* São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2005

SANTANA, H. B. – Revista A Terceira Idade – SESC SP, no. 28. Setembro, 2003. p 29- 46. Artigo; “O idoso e a representação de si”.

SEVERINO, A. J. – Metodologia do trabalho Cientifico. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, L.R.F. – Revista História, Ciências, Saúde – Rio de Janeiro, vol. 15, n.1. Jan. Mar. 2008. p. 155-168. Artigo: “*Da velhice à terceira idade: O percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento.*”

SLUZKI, C. E. – A rede social na pratica sistêmica. São Paulo; Casa do Psicólogo, 1997

SOARES, C.L.R. - Revista A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento. SESC- São Paulo - Vol. 24 No. 56, p.07-19, 2013. Artigo: “ *Uma vida para si na velhice feminina: Uma abordagem sobre individualização entre mulheres idosas*”.

SOARES, S.S.G.S.- Envelhescencia: Um fenômeno da modernidade à luz da Psicanalise.- São Paulo: Escuta, 2012.

VERAS, R. – Novos desafios contemporâneos no cuidado ao idoso em decorrência da mudança do perfil demográfico da população Brasileira. **IN:** LEMOS E ZABAGLIA (ORGS). – A arte de envelhecer: Saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso. Rio de Janeiro: Ideias e Letras, 2004.

VINCENT G, – A historia da Vida Privada - 5: Da primeira guerra aos nossos dias. PROST, A. VINCENT, G. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIORST, J – Perdas necessárias. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1988. p.305.

WALSH, F. – A família no Estagio Tardio da Vida. **IN:** CARTER, B. MC GOLDRICK – As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. Maria Adriana Verissimo Veronese. – 2ª.ed. – Porto Alegre : Artes Medicas, 1995.

Sites Consultados

Portal do Envelhecimento

<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/longevidade/censo-aponta-crescimento-da-populacao-idosa-inspira-cuidados.html> acessado em 18.05.13.

IBGE - 2010

ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf - Acessado em 10.05.13.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/homem-solteiro-e-maioria-entre-os-que-moram-sozinhos-diz-ibge.html>. Acessado em 15.12.2012.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Nome:

Endereço:

telefone:

Idade: Anos de viuvez: Numero de filhos : Número de netos:

Mora com:

Grau de instrução:

Fonte de rendimentos:

Trabalha atualmente ou já trabalhou:

Pratica atividades físicas ou esportes?

Farei perguntas abertas e você responde com o que lhe parecer conveniente.

FASE INFÂNCIA

Na sua infância você via o envelhecimento das pessoas a sua volta como....

Para você, o envelhecimento dos seus pais foi....

A função do velho na sua família era...

Na infância você pensava que o seu próprio envelhecer seria ...

FASE ADULTA

Na fase adulta da sua vida o seu próprio envelhecer no futuro parecia ser....

Você via as pessoas velhas ao seu redor como...

Os papéis de cada membro da família no cuidado dos idosos eram...

Cuidar dos idosos da família era....

A função do velho na sua família era de...

O preparo que recebeu para enfrentar a sua velhice foi ...

FASE VELHICE

A viuvez foi ..

O papel de seus filhos na sua viuvez foi de..

O papel da sua família na sua vida hoje é...

Sua família vê seus novos relacionamentos pessoais e emocionais como....

Sobre a mudança do seu papel na família você pensa que

Frequentar o movimento da terceira idade significou...

Estar idosa hoje significa...

Casar e construir outra família na atualidade é...

CONVITE

CONVITE

Olá!

Sou Psicóloga e estou pesquisando sobre as transformações na vida da mulher viúva na terceira idade!

Se você desejar compartilhar sua história de vida e contribuir com a ciência, me ligue!

Fone: 9 8083.3700 ou 3641.5678 (aceito ligações a cobrar)

Selma Ines Razzini

CRP 06 98464

TCLE**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Pesquisa: "Terceira Idade na Contemporaneidade – A mulher viúva e as transformações no papel da família".

Pesquisadora: Selma Ines Razzini – Psicóloga – CRP 06/98464.

Nome do participante: _____

Cara participante:

Convido-a a participar como voluntária na pesquisa referenciada acima, cuja finalidade é compreender as transformações no papel da mulher viúva e idosa no seio da sua família na contemporaneidade. Os dados dessa pesquisa comporão a monografia do curso de Especialização em Terapia Familiar e de casal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

Sua forma de participação consiste em conceder e uma entrevista, com duração média de uma hora, que será gravada em áudio. Seguindo os preceitos éticos seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o seu anonimato e o risco é considerado mínimo em sua participação neste estudo. Não será cobrado nada; não haverá gastos; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação.

Os resultados contribuirão para a construção e ampliação de conhecimentos da ciência da Psicologia e estarão disponíveis junto à pesquisadora. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim, o preferir.

Desde já agradecemos sua atenção e participação. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a responsável principal, Selma Ines Razini, que ficará à disposição para esclarecimentos futuros ou orientações nos telefones (11) 9 8083.3700 ou (11) 3641.5678.

Eu _____ portadora do RG no _____, :
telefone: _____ confirmo que Selma Ines Razzini explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação. Li e compreendi este termo e autorizo a utilização dos dados desta entrevista para estudo e publicação. Concordo em dar meu consentimento de participação voluntária e fico com uma via do TCLE de igual teor.

São Paulo, de de 2013.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Participante.

TABELA D: Núcleo de contexto na íntegra

NUCLEO DE CONTEXTO
FASE DA INFANCIA
PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO DAS PESSOAS P1- "Eu sempre achei muito lindo". " Sempre gostei de conversar com gente de idade, tem muitas histórias pra contar, muito carinhosos, ah eu gostava. Eu via com.... eu gostava de conviver... conviver com avó envelhecida e doente foi muito bom..." .“Convivi (com o avô). Ele me visitava muito, quando ele se reunia com alguém ele tirava minha foto de um ano, ah essa é a minha neta. Eu já com filho ele todo orgulhoso com a neta neném. Então foi muito... por isso que eu digo, gostava de conviver com eles”. P 2 - “Eu não sei, eu achava tão normal que a gente num... eu não sei distinguir praticamente como que eu via, porque a gente gostava muito dos avós que eram os idosos, a gente amava eles, tinha assim, aquela consideração, aquele respeito total, e os pais também. Se tinha respeito total pelos avós, tinha total respeito pelos pais que os pais só olhavam assim pra gente. Então a gente entendia. Acho que não dava nem pra perceber o envelhecimento de ninguém, as pessoas idosas, porque a gente queria tanto bem a eles que não dava pra perceber. P3- “ Eu não sei, as pessoas idosas que me cercavam eram pessoas que eu gostava muito”. “E eu aprendi sim, a respeitar os idosos e entender as necessidades deles, entende? E agora eu não sei se... e até hoje eu sou assim. Até hoje eu sou assim eu respeito muito e ao mesmo tempo eu admiro muito os idosos que vai, sabe, vai passear, vai viajar e eu to indo nesse embalo. (risos) PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO DOS PAIS P1- “Eu acho que (o envelhecimento) da minha mãe foi difícil”. “Ah, sempre trabalhou muito, ela ficou uma pessoa amarga. Ela era uma pessoa bem assim amarga com as coisas, sempre reclamando, sempre... ela não aceitou muito bem essa independência dela não”. P2- “ Já foi mais sofrido porque eles queriam muito bem a eles, era muito presente com eles mas a minha mãe já ficou doente, os quatro anos eu quem corria com ela pra todo lugar, depois a minha mãe faleceu, o meu pai também ficou doente e também era eu quem cuidava deles, porque os outros pouco se interessavam também. Eu fazia tudo que eu podia pra eles até o dia que ele morreu”. P3- “Eu não gostei porque apesar de eu não ter acompanhado o envelhecimento dela, ela morava no interior com a minha irmã, ne? Não junto. Numa casa separada porque ela era como eu. Enviuvou,

meu irmão casou, ela não quis morar com filho nenhum”. “Aí, então, aí eu sei que desde os 13 anos a gente estava afastada”. “A gente se via periodicamente coisa e tal mas eu não acompanhei o envelhecimento dela. E quando eu percebi que ela era realmente já estava velhinha, com problema de saúde, nossa me doeu muito. Eu vi que a vida passou e eu não partilhei da vida dela. Isso me entristeceu muito, sabe?”.

O PAPEL DO IDOSO NA FAMÍLIA

P1- “Ah ficava dentro de casa implicando com a gente, com as crianças. Naquela época não trabalhava depois que se aposentava. O meu padraço já não, ele trabalhou até os 70 anos e só parou pra me ajudar cuidar dela. Então ele foi diferente. Agora o que eu lembro do meu avô parou de trabalhar, ficava em casa implicando, brincando, plantando, fazendo essas coisinhas assim...”. “M.: Sim, meu pai eu não tinha e minha mãe trabalhava muito, também ela... minha mãe optou em ser dura comigo pra mim... que nem ela falava não sair do caminho. Então o carinho tudo era meus avós, meus tios, essa minha tia velhinha, que às vezes assim, festas ela dava um dinheirinho pros sobrinhos. Então dava um real, seria um cruzeiro, pra mim dava cinco.”

P2- “Eu não sei porque aquela época a gente não dá pra perceber assim, porque a pessoa na época o velho, o idoso, uns trabalhavam direto até quase que na hora de morrer. Era roça, era tudo, via eles assim, mesmo aqui. Outros, às vezes se acomodavam, e a gente via... eu sempre vi o ser humano normal. Eu nunca achei que um tava errado, outro tava certo, que não gostasse de um, não gostasse de outro, eu nunca vi assim”. “Não, não conhecia porque o meu avô, no caso o pai dele, ele era tão carinhoso com a gente, meu pai nunca chegou pra dar um beijo num filho, um abraço num filho. Ele só sabia dar bronca, só sabia chamar atenção, só sabia olhar de lado pra você sair de perto dele.”

P3- “Mas a... eu não sei a função, meu avô era um homem muito carinhoso, sabe, e era muito... a gente chegava parecia que tinha chegado o rei da Inglaterra, princesa, coisa e tal”. “Eu acho, eu acho sim. Pelo menos o que eu recebi das pessoas idosas foi só carinho, só amor. Eu jamais fui ofendida por uma pessoa mais idosa. Jamais”.

PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO ENVELHECER

P1- “Eu nunca pensei. Eu sempre achei que eu ia morrer cedo que nem o meu pai. Porque toda a minha família falava, você parece o teu pai, você é a cara da sua família, você parece com o teu pai. E eu achava que nunca ia envelhecer. Nunca me preocupei com isso. Eu tinha certeza que eu não ia chegar nem a casar. Era engraçado”. “Nunca imaginei. Imagina falar que eu ia chegar nos 70 anos, nem, nossa... nunca imaginei.”

P2- “Eu achava que não ia envelhecer, tanto é que eu nunca paguei o INSS porque eu falava, eu não vou viver pra receber, não vou dar dinheiro pro governo. (risos). Então eu achava que eu ia morrer cedo. (risos) Aí continuei a vida sem perceber que tô vivendo e tô velha! (risos)”.

P3- “Olha, bem, eu não pensava nisso não. (risos) Eu não pensava nisso, só pensava que eu ia me tornar moça, eu ia estudar, eu ia ser aeromoça, sabe aquelas coisas de criança que você vai ser um milhão e meio de coisas e no fim não é nada. Acaba não sendo nada. Estuda, estuda, estuda depois vai lavar roupa, passar roupa”.

FASE ADULTA

O PROPRIO ENVELHECER NO FUTURO

P1- “Nunca pensei. Só pensei em ter a minha vida com meus filhos, netos, a família farta. A única coisa que eu pensava. Nunca pensei em envelhecer”. “Nunca parei pra pensar, a minha era... eu era muito agitada. Que a gente fazia serviço de casa, fazia... costurava fora, participava da igreja, eu ia na igreja com todo mundo. Tinha todo aquele monte de curso que a gente fazia, eu e meu marido, então não tinha tempo pra pensar coisas assim, do futuro”.

P2- “Você sabe que... pra te ser sincera eu nunca cheguei a imaginar assim na... pensar envelhecer, vou isso, vou aquilo... Eu não sei, eu levava a vida, o dia de hoje, o amanhã eu não pensava muito não. Pensava no amanhã só nos compromissos que eu tinha. Mas eu não pensava muito no envelhecer não”.

P3- “Uma coisa bem distante, viu?”. “Não, nem imaginava, eu achava que eu nunca iria envelhecer. Eu achava que isso nunca ia acontecer comigo”. o fato do meu marido ser mais velho do que eu doze anos, então aí sim eu tive que acompanhar a velhice dele”. “Porque ele depois que ficou doente foi bem difícil. Foi bem difícil, sabe. E então... sabe era coisas assim, era tipo de doença que você tinha que ... era cardíaco”. “Eu não sei se ele se tornou uma pessoa insegura, então ele se tornou muito carente, muito dependente, então aí, esse foi um dos motivos eu também não pensar na minha própria velhice. Que eu não tinha tempo!”.

VISAO DAS PESSOAS ENVELHECIDAS

P1- “Ah eu adorava. Eu tinha uma tia de 90 anos que eu visitava ela sempre e ela até me chamava de gatinha porque eu vivia rindo e toda vez que eu passava por lá eu entrava, batia na porta dela, o casal ne? Que eram os mais velhinhos. A minha avó não acompanhei. O meu avô ele era legal também. Me visitava depois que eu casei também, ia sempre na minha casa. Eu sempre gostei ficar com eles em volta”.

P2- “Via as pessoas se acabar”. “, mas eu via eles como pessoas necessitadas do carinho da gente. Eu sentia neles assim que eles precisavam da atenção”. “Ela não era a minha mãe mas eu achei que eu tinha que cuidar, tinha que dar uma atenção pra ela. Então eu acho que... eu pensava que eles precisavam da gente e a gente tinha que fazer o bem pra eles”.

P3- “A gente via como amigos, pessoa companheiras, entendeu? E pessoas que você pode, por exemplo, chegar e contar um probleminha, que eles tem sabedoria pra te aconselhar, eu vejo dessa forma, via e vejo também”. “Sem dúvida, sem dúvida, pessoas de sabedoria”.

PAPEIS DOS MEMBROS DA FAMÍLIA NO CUIDADO COM O IDOSO

P1- “A minha avó viveu muito na cama. **S.:** Quem cuidava? **M.:** As filhas”. “ Todos os dias eu descia de manhã fazia o serviço da casa da minha mãe. Lavava, passava, cozinhava e dava o almoço. Aí eu subia pra dar o almoço pros meus filhos que estava chegando da escola e cuidava da minha casa”. ““Não, meu irmão na época era recém casado, a mulher dele era meio possessiva, era difícil. Ele visitava assim rapidinho na hora da... no meio do trabalho ele dava uma olhadinha nela”. “(visitava a mãe) de vez em quando”.

P2- “.: Eu acho que praticamente, praticamente os homens não tinha”. “Toda (responsabilidade) era da mulher. Você vê que inclusive nós, os filhos, as filhas, revezavam, e os filhos, nunca ninguém falou, vou ficar pelo menos um dia durante o dia com ela, pra cuidar”. “ Não... às vezes que fazia opção. É que às vezes os outros tiravam o corpo fora e então você pegava o lugar daqueles. Não era bem uma opção porque a gente tinha os compromissos da gente também, como os outros tinham. Às vezes menos que eu. Porque na época só eu de mulher, somos duas irmãs, as cunhadas só eu trabalhava fora, mas só eu cuidei”. “Eu acho que na época era uma obrigação, hoje sei lá, acho que hoje não é obrigação, porque ninguém acha que é obrigação”. “As pessoas acham que não tem. Que abandonam muito, abandonam muito o idoso, eles ponham em asilo, não vão visitá-los, meu Deus do céu!”.

P3 – Não respondeu.

PERCEPÇÃO DO CUIDADO COM O IDOSO

P1-“... até hoje eu acho que é muito triste a vida do idoso. **S.:** Triste como? **M.:** Porque trabalha muito. Luta muito pra manter a família, pra educar, pra tudo ainda mais na minha época. De repente fica idoso, fica doente, fica dependente, não pode fazer as coisas sozinho, que nem no caso da minha mãe, na cama e eu tinha que brigar com ela pra ela andar, que o médico queria que eu fizesse andar e ela não agüentava a dor nas pernas. Ah, eu acho muito triste o idoso passar fome que fica sozinho. Eu acho que é por isso que eu sempre estava por perto. De qualquer um, aqui na rua mesmo tem um idoso que eu (inaudível).??????? . “Era prazeroso, era triste mas era prazeroso. **S.:** Prazeroso como? “**M.:** Ah dar alegria, ver que ele fica feliz, dar um banho que nem meu marido, meu marido não ficou tão idoso mas eu dava banho, fazia barba, cuidava, carregava, tudo”. “**S.:** De carinho, de cuidado, de proteção que era diferente do papel da sua mãe. Que era o papel de educar, de botar no caminho certo.

P2- “.: Eu acho que na época era uma obrigação, hoje sei lá, acho que hoje não é obrigação, porque ninguém acha que é obrigação. As pessoas acham que não tem. Que abandonam muito, abandonam muito o idoso, eles ponham em asilo, não vão visitá-los.

P3- “.: Eu acho que foi uma mistura disso tudo. Sabe, uma mistura disso tudo tanto carinho, ou a palavra amiga quando você necessita é uma... eu acho que o idoso na minha... em todas as épocas da minha vida eu via assim como um porto seguro, entende. Por isso acho que vai daí que eu respeito muito meigo, muito concreto, muito sincero que eu sinto pelo idoso”.

PREPARO PARA ENFRENTAR A VELHICE

P1- “.: Acho que nenhum. Como eu nunca pensei nisso acho que não preparei pra nada. Não, isso ele era muito, ele era muito rígido. Pagar,(aposentadoria) tanto que eu graças a Deus, quando ele me deixou mas sempre ele... aquele ele sempre ele fez questão de estar empregado, ele pagar aposentadoria, de comprar uma casinha, me deu um carrinho, essas coisas. Sempre foi muito... mas não preocupação de vai ficar velha assim. A gente, não sei, parece que a gente viveu uma vida sem pensar nessas coisas....

P2- Não respondeu.

P3- ” Eu acho que foi tudo isso, esse aprendizado que eu tive através das pessoas idosas que eu conheci. Foi um preparo... eles estavam me preparando antecipadamente sem que eu soubesse. Então eu procuro me guiar nos exemplos que eu vi, que eu tive”.

FASE DA VELHICE

SENTIDOS DA VIUEVEZ

P1- “.:Olha, teve duas coisas na minha viuvez. Uma foi uma tristeza assim, fiquei sem chão, fiquei perdida e a outra fiquei aliviada porque ele ficou oito anos como um bebê ne? Na. cadeira de rodas, não comia, não falava, não andava, usava fralda, e ele tava definhando muito”.

P2-” Olha no começo foi até difícil, eu sempre fui uma pessoa independente. Só que mesmo independente, quem pagava as contas tudo era o meu marido, recebia todas as contas era o meu marido, eu não sabia o que era um imposto, eu não sabia o que era o preço de uma conta de luz, o telefone. Então pra mim depois assim foi um começo difícil”.

P3-:” Foi bem impactante”. “Pelo fato de eu me ver, de repente , sozinha com todos os compromissos que eu desconhecia até então, tendo que aprender, é como uma criança aprendendo a andar, foi o que me aconteceu. Eu tive que aprender dia a dia, uma... surgia um novo problema, tive que aprender a resolver aquele problema, outro que surgia eu tive que aprender. Então foi um aprendizado”. “Eu me sentia nos primeiros meses então, nossa chegava final de semana eu ia pro cemitério ficava o dia inteiro lá”. “ Depois que eu superei, que demorou, demorou uns dois anos, sabe. Foi até então, nossa eu ficava aqui nessa casa chorava coisa e tal”.

O PAPEL DOS FILHOS NA VIUEVEZ

P1- “Ah nem sei como te dizer. Eles estão sempre presente. Só que eu sou uma pessoa que eu evito ficar dependente. Então assim, só em último caso que eu falo alguma coisa que possa preocupar”.

P2- “Não, agiram normalmente igual vinha já agindo antes. Eles sempre agiram...”. “.: Não, não mudaram. Não, o papel que eles sempre tiveram foi que.... um papel que acho que devem ter, não sei, se acham que é obrigação, se acham que vem porque gostam, não sei, todo fim de semana, todo domingo eles vem todos pra cá, a tarde”.

P3- “Nossa, muito presentes. Sem eles eu acho que não teria, sem eles, sem meus netos, acho que não teria conseguido sobreviver mais”. “ Meus filhos foram nota dez até hoje eles são. É de um cuidado inacreditável. Até cansa”. “ Eu tive que aprender. Por isso que eu tinha receio que acontecesse alguma coisa com ele e eu ficasse sozinha porque ... eu tinha certeza quando ficar sozinha eu ia desmoronar, eu ia ficar perdida no mundo. E no início foi assim. Apesar de ter todo o apoio dos meus filhos, e meu filho ensinar como mexer nos cartãozinhos, como fazer isso, me levou no banco em todo quanto era lugar que precisava ser feito eu ia, era eu quem tinha que estar presente ou então ele falava, não mãe pode deixar que eu resolvo pra você. Então assim foi indo, foi indo até eu me soltar. Graças a Deus agora eu já sei de tudo”.

PERCEPÇÃO DO PAPEL DA FAMÍLIA ATUAL

P1- “. “Então assim, de proteção mas não é de muito de ficar (não entendi???) vem aqui toda hora, essas coisas. Mora no Paraíso. Ele vem, quando ele vem vem com a felicidade total”. “Mas ele dependendo dos compromissos dele, às vezes fica quinze, vinte, trinta dias sem vir. Mas eu não sinto que seja um abandono”. “Eu sinto eles assim, sempre alerta. Só que quando sou muito dura com as coisas eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu. Inclusive eles me deram um celular, fica desligado. Aí eles brigaram. Mãe, porque que você tem celular? Ué porque vocês me deram pra mim usar. E por quê não deixa ligado pra gente ligar? Ué mas você deu pra mim usar, não pra você? E não ta ligado, não saio não ligo. Ligo só quando vou em algum lugar assim que pode se preocupar, eu ligo”.

P2- “Logo recuperei. Logo me senti, assim, como se diz obrigada a fazer, eu tinha que me decidir, não podia... eu não ia me entregar aos cuidados dos meus filhos. Eu sou assim. Eu estou com 20 anos viúva. Eu nunca precisei, graças a Deus, eu nunca cheguei num filho pra falar, me arruma cinco reais? Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não me ocupa, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega”. “.: Eu fiquei tão feliz, eu fiquei tão feliz, eu não sei, uma sensação... não sei, que eles me amam, sei lá, me consideram, sei lá. Porque tão ali junto comigo do meu lado, um ajuda fazer uma coisa, outro ajuda fazer outra, outro dá opinião, sei lá, eu acho gostoso”. “O papel deles pra mim, eu gostaria que estivessem sempre presente, mas não podem, paciência. Então é... como se diz, pra mim, se eles precisarem de mim a hora que precisar eu to disponível, isso eu tenho certeza”.

P3- “Olha, é muito importante a minha família toda porque... como agora eu sou sozinha, eu me sinto feliz por ter uma família como eu tenho”. “ A minha família é assim toda unida. Teve uma época que houve pega pra capa dali, sabe... “. “ entre os agregados. Agregados quer dizer nora e genro, ne, não vai aparecer, não vai, então... Nora e genro. Então sabe, quando a pessoa, você... a tua família tem um jeito de ser, tem uma certa personalidade. Agora se entra outro de fora, já é um outro mundo deles e é quando às vezes entra em atrito, mas graças a Deus já esse período ruim já passou,

hoje em dia se fosse sinceros ou não a gente não pode falar nada mas ta tudo bem aparentemente ta tudo legal, eu me sinto muito feliz, meus filhos são muito unidos, sabe, então tudo o que eu preciso eles estão presentes, tudo que um ou outro precisa, um ou outro ajuda, precisa, ta ali presente. Então agora essas coisas, rusguinhas sempre tem mesmo ne?”. “Mas num modo gera eu to muito satisfeita com a minha família e elas são muito importantes, ela é muito importante pra mim”.

PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA PARA OS NOVOS RELACIONAMENTOS PESSOAIS E EMOCIONAIS

P1- “ Uma total liberdade. Apesar que dependendo a pessoa eles não querem que eu saia. Eles acham que a pessoa... eles querem que eu me divirta, que eu saia, que eu passeia mas eles não quer me ver que nem essas senhorinhas por aí não. (risos)”. “ Muito assanhadas”. “ Só querem namorar, beijar na boca”. “ Os senhorinhos, primeira pergunta que ele faz pra você é, se tem renda?”. “ É. Pra poder chegar perto, senão eles não querem. E aqueles bailes muito esfrega, esfrega, muito pega pega, eu não gosto”. “ Não pode ser vulgar”.

P2- “... eles acham que eu tenho a plena liberdade e direito se eu quisesse ter um relacionamento, ter uma pessoa na minha vida que eu pudesse... que eu não devia ficar sozinha. Que eles só iam se opor se um dia eles vissem que a pessoa não era digna de conviver comigo. Do contrário, era liberado”. “...meu filho me viu arrumada, tudo e não falou nada. Meu filho que mora em Ribeirão Preto, ele chega aqui, se ele vê, mãe pode ir no baile viu, vai no baile. Não vai se prender por mim não, porque eu vou lá pra casa do Carlos que é o meu genro. Pode ir. Às vezes eu me arrumo, ele fala assim, eu levo a senhora até lá. Já me levou até no baile, tudo”. “mas eu não queria, sei lá, sabe eu tinha cisma dos meus filhos. Aí eu falei pra minha nora. Se vê como que é, eu tinha apoio. Falei pra minha nora. Conte pra ela ne. Ela falou, não dona Aurea, a senhora não tem cachorrinho. Eu penso muito no Wilson, que Wilson é mais machista. Ela falou, o Wilson pode deixar que eu dou um jeito nele, ela falou. Me deu pleno apoio”. “Wilson, eu acho que não ia aceitar que eu... eu acho que ele tinha um pouco de ciúme de mim, como filho sente ciúme, sei lá, eu senti nele foi isso, eu senti”.

P3- “ Não, não amizades eu continuei com as mesmas daqui, só que assim com mais liberdade de sair pra conversar, pra me entrosar melhor porque antes não dava. Agora hoje em dia eu tenho o meu tempo a bessa. Então já sou uma pessoa mais aberta, freqüento muito igreja e coisa que na época não dava também devido aos problemas, então eu freqüento igreja, vou passear, faço passeios com a igreja, junto com uma vizinha minha que eu tenho amiga aqui, sabe, ela é viúva também. Então a gente se une... “. “Não são de interferir não. E também eu não permito ne? E também eu não permito não porque eu acho que sim, se eu fosse uma pessoa boba de tudo, sei lá eu, que não pensasse, que não tivesse juízo, eu acho que até aí, mas pô?”. “.: Então não, mas eu, não, viajo, passeio, só eles não interferem em nada, em nada, em nada. Eles só pedem, toma cuidado, toma cuidado, mãe. Só isso”.

SENTIDO DO MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE

P1- “Trabalhar com velhinho, tratar bem, dar carinho”. “ S: Você mais do que freqüentava, você coordenava grupos de terceira idade, de passeios pela igreja...M: Sim”. “(cuidava) **M.:** De tudo...” . “... Inclusive ver na hora do almoço quem conseguiu pegar o seu prato foi sozinho, às vezes se pega um com pratinho na mão e olhando aonde vai sentar e não consegue e ir lá ajudar, botar o lugar que eles queriam no ônibus com a pessoa que eles queriam”. “(era importante)... **M.:** Pra deixar eles felizes. Porque já sofreram muito”.

P2-“.: Sei lá, uma independência maior do que eu já tinha”. “Teve gente que me deu até apoio no baile mesmo. Teve gente ... quando arrumei esse relacionamento as pessoas... eu não queria. Eu tava com um ano que eu era viúva, que eu comecei a dançar com dois anos de viuvez”. “. A dona lá do baile, a diretora lá toda, ela falava fica com ele, depois de seis meses é que a gente acertou. Ela falava, fica com ele, ele parece que gosta tanto de você. Às vezes eu chegava lá, às vezes não, eu chegava lá sempre a minha entrada estava paga, ele... às vezes trazia até flores punha na mesa.”

P3-“.: Fez, me ensinou a me soltar, entendeu. Me ensinou a me soltar e conversando com outras pessoas que normalmente se vai nesses passeios essas coisas se vai com pessoas estranhas, aí você faz novas amizades, então você ouve uma coisa, ouve outra, então você vai ficando mais alerta. Outras pessoas que já estão mais viúvas há mais tempo, e que são mais atiradas tem um temperamento diferente. Então não, desse jeito que ta, dela é melhor do que do meu”. “ Ah sim, sem dúvida, sem dúvida, eu mudei muito o meu comportamento, hoje em dia”. “ Mudei, mudei sim. Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica, porque eu era muito podada. Eu era muito podada. Entende. Em tudo, em tudo, em tudo. Como eu te falei, pai militar, marido poderoso, então deu no que deu. Eu era uma bobinha, tinha medo de tudo”. “Mas não foi difícil não, porque independência é tão bom, menina. (risos)”. “ É como você acordar de um pesadelo. É como você acordar... é a mesma coisa você abrir a gaiola, passarinho voar. Quando eu percebi, sabe o que eu passei o período de luto de peso que de repente lá um dia eu acordei, pensei: Não! Vou mudar a minha vida. É como se eu tivesse saído de uma prisão. Foi muito bom”.

SIGNIFICADO DE SER IDOSA HOJE

P1- “Ah, ter vivido! “ Ter vivido! Eu sem ter instrução, dinheiro, nada consegui estudar meus filhos, estão casados, eu ter a minha casinha, consigo viver sozinha, em tudo, eu me levo em médico, eu me levo na praia, eu me levo... então agora por causa da vista eles me proibiram, por enquanto eu to proibida, eles não querem que eu vá. Mas a hora que eu puser o óculos, ninguém me segura de novo, se eu continuar com saúde, claro ne? Também tenho consciência do que eu posso, do que não posso ne? Mais é isso”. “ Então, a única coisa que eu sinto muita falta é de viajar. Que eu não tenho companhia pra ir. Única coisa que eu gostaria de fazer mais... Passear, ver o verde, sei lá, conversar com pessoas diferentes, entrar numa piscina, essas coisas. Divertir, divertir!”.

P2- “.: Experiência! (risos). Experiência, decisão própria, ser dona dos seus atos, pelo menos enquanto você está consciente ne? Acho que isso é importante pra gente”. “Eu no meu caso eu diria que elas (as idosas) deviam mudar de vida e procurar ser mais livre, mais independente, mais dona

de si, pra viver melhor, porque a gente vive melhor!”. “Hoje vivo pra mim só, porque eles (os filhos) são independentes, vivo pra mim, e se eu tiver algum trabalho faço, sou responsável, faço na data certa, no horário certo e vivo pra mim.

P3-“ Eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade, eles (os filhos) estão de acordo com tudo isso. Porque eles acham que assim a gente vive. Não viver como as viúvas de antigamente, morriam elas também ne? Hoje em dia não morremos, a gente continua vivendo”. “Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica, porque eu era muito podada. Eu era muito podada. Entende. Em tudo, em tudo, em tudo. Como eu te falei, pai militar, marido poderoso, então deu no que deu. Eu era uma bobinha, tinha medo de tudo. Mas não foi difícil não, porque independência é tão bom, menina. (risos)”. “É como você acordar de um pesadelo. É como você acordar... é a mesma coisa você abrir a gaiola, passarinho voar. Quando eu percebi, sabe o que eu passei o período de luto, de peso que, de repente, lá um dia eu acordei, pensei: Não! Vou mudar a minha vida. É como se eu tivesse saído de uma prisão. Foi muito bom!”.

CONSTITUIÇÃO DE NOVA FAMÍLIA NA ATUALIDADE

P1- “Impensável! Não cogito de jeito nenhum, nem cogitei dez anos atrás. Eu sinto falta de companhia. Não to falando que sinto falta de homem, eu sinto falta de companhia. Porque eu tenho lugares que sempre andei sozinha, ou pegar um amigo, hoje em dia tá perigoso você sair a noite, essas coisas eu sinto falta de companhia. Só. Mas casamento, relacionamento não. “.

P2- ““Pra gente nova acho que é válido. No meu caso, como se diz ne, no meu caso se fosse pra casar, um relacionamento, uma boa pessoa... até me casaria. Pra ter uma pessoa presente, porque independente de qualquer coisa, a solidão é a pior coisa que tem.”

P3- “Não, negativo, fora de cogitação”. “Sosseguei! Sabe aí eu acho que a liberdade foi tão boa que eu nem penso nisso. Nem penso e é muito bom, porque esse negócio você fica também assim... comprometida com alguém, que se tem que falar o horário, ter que pedir permissão pra ir... não! Nunca mais! Não quero não! Chega marido é um só. Se o primeiro foi bom você não deve arriscar, você pode pegar um peste. Se o primeiro for ruim, não arrisca de novo que pode pegar outro peste. Então casamento é um só”.

SENTIDOS DA INDEPENDÊNCIA NA ATUALIDADE

P1- “ Eu sinto eles assim, sempre alerta. Só que quando sou muito dura com as coisas eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu. Inclusive eles me deram um celular, fica desligado. Aí eles brigaram. Mãe, porque que você tem celular? Ué porque vocês me deram pra mim usar. E por quê não deixa ligado pra gente ligar? Ué mas você deu pra mim usar, não pra você? E não tá ligado, não saio não ligo. Ligo só quando vou em algum lugar assim que pode se preocupar, eu ligo. Assim, eu sou muito independente!”. “Não, eu comunico e falo com quem eu vou. Tudo bem mãe, posso pagar tua passagem? Se quiser pode. Mas se vê ano passado eu fui pra

Bahia, Porto Seguro, fiquei dez dias, outro dia eu fui fazer aquela viagem de navio, com uma outra amiga, foi cinco dias. Eu faço, tendo uma companhia que considero boa que seja boa companhia pra mim também ne?”. “A pessoa agradável que brinca, que se anima pra sair, vamos ver tal coisa, vamos, vamos ver outra coisa, vamos, vamos tomar um barquinho, vamos, sim!”. “Eu gosto, gosto de conversar, gosto de ver, gosto de comer coisa diferente”. “Assim do jeito que eles vão fazer comigo não. Que você dar satisfação, vou sair, vou ali, vou na padaria, ah eu não gosto, não queria viver assim não”. “Eu acho. Eu acho que quem cuida da pessoa não sofre tanto como a pessoa é cuidada. Eu penso que é muito humilhante”.

P2 - A.: Logo recuperei. Logo me senti, assim, como se diz obrigada a fazer, eu tinha que me decidir, não podia... eu não ia me entregar aos cuidados dos meus filhos. Eu sou assim. Eu estou com 20 anos viúva. Eu nunca precisei, graças a Deus, eu nunca cheguei num filho pra falar, me arruma cinco reais? Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não me ocupam, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega”. Então eu nunca precisei chegar neles pra falar, eu to apertada por isso. Mesmo médico, eu to com 78 anos, médico, eu tive um problema de mama que eu fui... eu me virei sozinha, não falei pra ninguém, resolvi todo o meu problema sozinho, quando foi na última hora precisava fazer uma biópsia, e falaram que precisava de acompanhante. Falei, Jesus e agora, o que que eu faço? Fui obrigada pra me socorrer, mas não falei o que que era.” “Eu não falo pra ninguém. Eu saio daqui, eu vou daqui pra Santo Amaro, eu vou daqui pra Vila Mariana, eu vou daqui pra Santana,

P3- I.: Não não são de interferir não. E também eu não permito ne? E também eu não permito não, porque eu acho que sim, se eu fosse uma pessoa boba de tudo, sei lá eu, que não pensasse, que não tivesse juízo, eu acho que até aí, mas pô!”. “Eu só aviso que eu vou pra tal lugar. Eu não peço permissão. Eu aviso, eu falo olha tal dia to indo pra tal lugar. Levar celular... liga é isso ne? Ta bom, levo celular, vou tal e tal... quando você chegar você me avisa. Então eu chego, a hora que chego lá no lugar eu ligo, olha cheguei ta tudo bem, a viagem correu bem”. “Nossa, pelo meu jeito de ser! Nossa eles são muito felizes por isso. Eles aceitam, eles acham que mesmo que tem que ser assim mesmo. Que eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade, eles estão de acordo com tudo isso. Porque eles acham que assim a gente vive. Não vive como as viúvas de antigamente, mas morriam elas também ne. Hoje em dia não, morre a gente continua vivendo. ” “Não nunca tive ninguém, não pretendo, a minha mãe sempre falava quando ela... a minha mãe ficou viúva com quarenta e poucos anos, 42, 43 por aí e a gente sempre falava ah mamãe porque você se não... ela não, marido é um só. Se o primeiro foi bom você não deve arriscar, você pode pegar um peste. Se o primeiro for ruim, não arrisca de novo que pode pegar outro peste. Então casamento é um só”.

que ontem mesmo eu fui, em médico eu vou em todo lugar, fazer os meus exames, fazer tudo”. “Levo o celular, falo se precisar me liga. Se é às vezes alguma coisa que ... se eu vou viajar, qualquer coisa, aí sim. Aí eu ligo, falo eu não estou, amanhã, assim, assim, assim, mas a minha filha me liga quase todo dia e... mas dificilmente só se for um passeio assim que eu vou, alguma coisa que eu vou longe, mas se for durante o dia assim que eu vou sair, cai me machuquei outro dia, cai um tombo, to com o joelho todo roxo ainda. Levantei vim embora”.

A IMPROPRIEDADE DE SER E O PAPEL CULTURAL DA ESPOSA/MAE

P1 – “É, porque eu sempre acompanhei muito assim, eu sempre fiquei muito de castigo, eu não tive chance de estudar. Então o meu marido achou que eu deveria ficar em casa pra cuidar das crianças cuidar da educação, com alimentação, tudo isso e ele batalhando pra dar o resto. Então ele conseguiu todos eles estudaram e assim, queria meus filhos não tristes como eu fui. Queria eles alegres, felizes”.

P2 – “Desde que eu me casei eu me via assim: eu tinha... sempre eu tive com a minha família os horários pra tudo. Tinha horário pro café da manhã, horário do almoço, horário do café da tarde, horário da janta, tudo no horário certinho, meu marido chegava em casa encontrava meus filhos todos tomado banho já, a janta ele chegava, quando ele chegava, enquanto ele tomava o banho dele, eu já punha na mesa, a gente sentávamos todos juntos, jantávamos juntos. Então era um compromisso que eu tinha comigo, comigo. Isso aí eu nunca deixaria”.

P3 – “Meu pai.... não, a minha mãe sempre em casa cuidando dos filhos, sabe, nós éramos muito pobres, então ela lavava uma roupinha ali, tudo escondidinho do papai porque ele era tipo machão também, entendeu. Naquela época era difícil ser mulher”. “ Porque naquela época o marido estava doente. Eu cuidava dele, cuidava de três netas, as gêmeas e a irmãzinha. Eram quatro pessoas aqui em casa que dependiam de mim pra tudo. Comida, banho. Eles precisavam sair era eu que saía, era eu que limpava a casa, era eu que lavava a roupa era eu que... sabe, então eu não tinha tempo”. Porque na época eu sempre fui uma criança que eu sempre fui muito... como é que eu posso dizer, assim, eu não era atirada, entendeu, eu era muito obediente. Porque o papai era militar, então nossa, regras em casa. Então eu era muito obediente. Então se você já nasce com uma pessoa te comandando, aí você casa com uma outra que continua o comando, então você se torna obediente. Você continua obediente. Então eu não tinha autonomia pra nada. Eu te falo que eu lavava, passava mas isso era coisa de mulher, era coisa que eu tinha que resolver. Eu resolvia. Agora financeiramente era ele. Então, fora como assim, pagar conta, ir pra banco eu nem sonhava como fazer isso. Nem sonhava”. “ Porque não era só o trabalho, ele dava, mas eu sabia como... eu não considerava aquilo trabalho, considerava aquilo consequência, entende? Mas ao mesmo tempo que ele dava trabalho, ele também era muito companheiro, ele era um homem super inteligente, era um homem muito culto. Então era gostoso conversar com ele. Então eu, certo às vezes eu vivia cansado assim, não vou dizer que não porque pra mim não foi fácil cuidar de neto e de um marido doente que dependia de mim 24 horas e com criança chorando também do lado, as gêmeas da mesma idade, a outra que veio dois anos depois, sabe, então foi muito desgastante pra mim. Mas nem por isso eu... se eu pudesse voltar atrás eu voltaria”.

TABELA G: Núcleos de sentidos na íntegra

1 – PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO ENVELHECIMENTO E ENVELHECIMENTO DE FAMILIARES AO LONGO DO TEMPO

(Percepção do próprio envelhecer na infância – Percepção do próprio envelhecer na fase adulta – Preparo para enfrentar a velhice – Significado de ser idosa hoje - Percepção do envelhecimento das pessoas - Percepção do envelhecimento dos pais – Visão das pessoas envelhecidas – Percepção do cuidado com o idoso)

PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO DAS PESSOAS

P1- "Eu sempre achei muito lindo". " Sempre gostei de conversar com gente de idade, tem muitas histórias pra contar, muito carinhosos, ah eu gostava. Eu via com.... eu gostava de conviver... conviver com avó envelhecida e doente foi muito bom..." .“Convivi (com o avô). Ele me visitava muito, quando ele se reunia com alguém ele tirava minha foto de um ano, ah essa é a minha neta. Eu já com filho ele todo orgulhoso com a neta neném. Então foi muito... por isso que eu digo, gostava de conviver com eles”.

P 2 - “Eu não sei, eu achava tão normal que a gente num... eu não sei distinguir praticamente como que eu via, porque a gente gostava muito dos avós que eram os idosos, a gente amava eles, tinha assim, aquela consideração, aquele respeito total, e os pais também. Se tinha respeito total pelos avós, tinha total respeito pelos pais que os pais só olhavam assim pra gente. Então a gente entendia. Acho que não dava nem pra perceber o envelhecimento de ninguém, as pessoas idosas, porque a gente queria tanto bem a eles que não dava pra perceber.

P3- “ Eu não sei, as pessoas idosas que me cercavam eram pessoas que eu gostava muito”. “E eu aprendi sim, a respeitar os idosos e entender as necessidades deles, entende? E agora eu não sei se... e até hoje eu sou assim. Até hoje eu sou assim eu respeito muito e ao mesmo tempo eu admiro muito os idosos que vai, sabe, vai passear, vai viajar e eu to indo nesse embalo. (risos)

PERCEPÇÃO DO ENVELHECIMENTO DOS PAIS

P1- “Eu acho que (o envelhecimento) da minha mãe foi difícil”. “Ah, sempre trabalhou muito, ela ficou uma pessoa amarga. Ela era uma pessoa bem assim amarga com as coisas, sempre reclamando, sempre... ela não aceitou muito bem essa independência dela não”.

P2- “ Já foi mais sofrido porque eles queriam muito bem a eles, era muito presente com eles mas a minha mãe já ficou doente, os quatro anos eu quem corria com ela pra todo lugar, depois a minha mãe faleceu, o meu pai também ficou doente e também era eu quem cuidava deles, porque os

outros pouco se interessavam também. Eu fazia tudo que eu podia pra eles até o dia que ele morreu”.

P3- “Eu não gostei porque apesar de eu não ter acompanhado o envelhecimento dela, ela morava no interior com a minha irmã, ne? Não junto. Numa casa separada porque ela era como eu. Enviuvou, meu irmão casou, ela não quis morar com filho nenhum”. “Aí, então, aí eu sei que desde os 13 anos a gente estava afastada”. “A gente se via periodicamente coisa e tal mas eu não acompanhei o envelhecimento dela. E quando eu percebi que ela era realmente já estava velhinha, com problema de saúde, nossa me doeu muito. Eu vi que a vida passou e eu não partilhei da vida dela. Isso me entristeceu muito, sabe?”.

VISAO DAS PESSOAS ENVELHECIDAS

P1- “Ah eu adorava. Eu tinha uma tia de 90 anos que eu visitava ela sempre e ela até me chamava de gatinha porque eu vivia rindo e toda vez que eu passava por lá eu entrava, batia na porta dela, o casal ne? Que eram os mais velhinhos. A minha avó não acompanhei. O meu avô ele era legal também. Me visitava depois que eu casei também, ia sempre na minha casa. Eu sempre gostei ficar com eles em volta”.

P2-“ Via as pessoas se acabar”. “, mas eu via eles como pessoas necessitadas do carinho da gente. Eu sentia neles assim que eles precisavam da atenção”. “Ela não era a minha mãe mas eu achei que eu tinha que cuidar, tinha que dar uma atenção pra ela. Então eu acho que... eu pensava que eles precisavam da gente e a gente tinha que fazer o bem pra eles”.

P3- “A gente via como amigos, pessoa companheiras, entendeu? E pessoas que você pode, por exemplo, chegar e contar um probleminha, que eles tem sabedoria pra te aconselhar, eu vejo dessa forma, via e vejo também”. “Sem dúvida, sem dúvida, pessoas de sabedoria”.

PERCEPÇÃO DO CUIDADO COM O IDOSO

P1-“... até hoje eu acho que é muito triste a vida do idoso. **S.:** Triste como? **M.:** Porque trabalha muito. Luta muito pra manter a família, pra educar, pra tudo ainda mais na minha época. De repente fica idoso, fica doente, fica dependente, não pode fazer as coisas sozinho, que nem no caso da minha mãe, na cama e eu tinha que brigar com ela pra ela andar, que o médico queria que eu fizesse andar e ela não agüentava a dor nas pernas. Ah, eu acho muito triste o idoso passar fome que fica sozinho. Eu acho que é por isso que eu sempre estava por perto. De qualquer um, aqui na rua mesmo tem um idoso que eu (inaudível).??????? . “Era prazeroso, era triste mas era prazeroso. **S.:** Prazeroso como? **M.:** Ah dar alegria, ver que ele fica feliz, dar um banho que nem meu marido, meu marido não ficou tão idoso mas eu dava banho, fazia barba, cuidava, carregava, tudo”. **S.:** De carinho, de cuidado, de proteção que era diferente do papel da sua mãe. Que era o papel de educar, de botar no caminho certo.

P2- “.: Eu acho que na época era uma obrigação, hoje sei lá, acho que hoje não é obrigação, porque ninguém acha que é obrigação. As pessoas acham que não tem. Que abandonam muito, abandonam muito o idoso, eles ponham em asilo, não vão visitá-los.

P3- “.: Eu acho que foi uma mistura disso tudo. Sabe, uma mistura disso tudo tanto carinho, ou a palavra amiga quando você necessita é uma... eu acho que o idoso na minha... em todas as épocas da minha vida eu via assim como um porto seguro, entende. Por isso acho que vai daí que eu respeito muito meigo, muito concreto, muito sincero que eu sinto pelo idoso”.

PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO ENVELHECER

P1- “ Eu nunca pensei. Eu sempre achei que eu ia morrer cedo que nem o meu pai. Porque toda a minha família falava, você parece o teu pai, você é a cara da sua família, você parece com o teu pai. E eu achava que nunca ia envelhecer. Nunca me preocupei com isso. Eu tinha certeza que eu não ia chegar nem a casar. Era engraçado”. “Nunca imaginei. Imagina falar que eu ia chegar nos 70 anos, nem, nossa... nunca imaginei.

P2- “Eu achava que não ia envelhecer, tanto é que eu nunca paguei o INSS porque eu falava, eu não vou viver pra receber, não vou dar dinheiro pro governo. (risos). Então eu achava que eu ia morrer cedo. (risos) Aí continuei a vida sem perceber que to vivendo e tô velha! (risos)”.

P3- “Olha, bem, eu não pensava nisso não. (risos) Eu não pensava nisso, só pensava que eu ia me tornar moça, eu ia estudar, eu ia ser aeromoça, sabe aquelas coisas de criança que você vai ser um milhão e meio de coisas e no fim não é nada. Acaba não sendo nada. Estuda, estuda, estuda depois vai lavar roupa, passar roupa”.

O PRÓPRIO ENVELHECER NO FUTURO

P1- “Nunca pensei. Só pensei em ter a minha vida com meus filhos, netos, a família farta. A única coisa que eu pensava. Nunca pensei em envelhecer”. “Nunca parei pra pensar, a minha era... eu era muito agitada. Que a gente fazia serviço de casa, fazia... costurava fora, participava da igreja, eu ia na igreja com todo mundo. Tinha todo aquele monte de curso que a gente fazia, eu e meu marido, então não tinha tempo pra pensar coisas assim, do futuro”.

P2- “Você sabe que... pra te ser sincera eu nunca cheguei a imaginar assim na... pensar envelhecer, vou isso, vou aquilo... Eu não sei, eu levava a vida, o dia de hoje, o amanhã eu não pensava muito não. Pensava no amanhã só nos compromissos que eu tinha. Mas eu não pensava muito no envelhecer não”.

P3- “Uma coisa bem distante, viu?”. “Não, nem imaginava, eu achava que eu nunca iria envelhecer. Eu achava que isso nunca ia acontecer comigo”. o fato do meu marido ser mais velho do que eu doze anos, então aí sim eu tive que acompanhar a velhice dele”. “Porque ele depois que ficou doente foi bem difícil. Foi bem difícil, sabe. E então... sabe era coisas assim, era tipo de doença que você tinha que ... era cardíaco”. “Eu não sei se ele se tornou uma pessoa insegura, então ele se tornou muito

carente, muito dependente, então aí, esse foi um dos motivos eu também não pensar na minha própria velhice. Que eu não tinha tempo!”.

PREPARO PARA ENFRENTAR A VELHICE

P1- “.: Acho que nenhum. Como eu nunca pensei nisso acho que não preparei pra nada. Não, isso ele era muito, ele era muito rígido. Pagar,(aposentadoria) tanto que eu graças a Deus, quando ele me deixou mas sempre ele... aquele ele sempre ele fez questão de estar empregado, ele pagar aposentadoria, de comprar uma casinha, me deu um carrinho, essas coisas. Sempre foi muito... mas não preocupação de vai ficar velha assim. A gente, não sei, parece que a gente viveu uma vida sem pensar nessas coisas....

P3- ” Eu acho que foi tudo isso, esse aprendizado que eu tive através das pessoas idosas que eu conheci. Foi um preparo... eles estavam me preparando antecipadamente sem que eu soubesse. Então eu procuro me guiar nos exemplos que eu vi, que eu tive”.

SIGNIFICADO DE SER IDOSA HOJE

P1- “Ah, ter vivido! “ Ter vivido! Eu sem ter instrução, dinheiro, nada consegui estudar meus filhos, estão casados, eu ter a minha casinha, consigo viver sozinha, em tudo, eu me levo em médico, eu me levo na praia, eu me levo... então agora por causa da vista eles me proibiram, por enquanto eu to proibida, eles não querem que eu vá. Mas a hora que eu puser o óculos, ninguém me segura de novo, se eu continuar com saúde, claro ne? Também tenho consciência do que eu posso, do que não posso ne? Mais é isso”. ” Então, a única coisa que eu sinto muita falta é de viajar. Que eu não tenho companhia pra ir. Única coisa que eu gostaria de fazer mais... Passear, ver o verde, sei lá, conversar com pessoas diferentes, entrar numa piscina, essas coisas. Divertir, divertir!”.

P2- “.: Experiência! (risos). Experiência, decisão própria, ser dona dos seus atos, pelo menos enquanto você está consciente ne? Acho que isso é importante pra gente”. “Eu no meu caso eu diria que elas (as idosas) deviam mudar de vida e procurar ser mais livre, mais independente, mais dona de si, pra viver melhor, porque a gente vive melhor!”. “ Hoje vivo pra mim só, porque eles (os filhos) são independentes, vivo pra mim, e se eu tiver algum trabalho faço, sou responsável, faço na data certa, no horário certo e vivo pra mim.

P3-“ Eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade, eles (os filhos) estão de acordo com tudo isso. Porque eles acham que assim a gente vive. Não viver como as viúvas de antigamente, morriam elas também ne? Hoje em dia não morremos, a gente continua vivendo”. “Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica, porque eu era muito podada. Eu era muito podada. Entende. Em tudo, em tudo, em tudo. Como eu te falei, pai militar, marido poderoso, então deu no que deu. Eu era uma bobinha, tinha medo de tudo. Mas não foi difícil não, porque independência é tão bom, menina. (risos)”. “É como você acordar de um pesadelo. É como você acordar... é a mesma coisa você abrir a gaiola, passarinho voar. Quando eu percebi, sabe o que eu passei o período de luto, de peso que, de

repente, lá um dia eu acordei, pensei: Não! Vou mudar a minha vida. É como se eu tivesse saído de uma prisão. Foi muito bom!”.

2 – A MULHER NA FAMÍLIA E SEUS SENTIDOS: DA IMPROPRIEDADE À LIBERTAÇÃO

(Sentidos da viuvez –Sentidos da Independência na atualidade - A impropriedade de ser e o papel cultural da esposa/mãe de família)

SENTIDOS DA VIUVEZ

P1- “.:Olha, teve duas coisas na minha viuvez. Uma foi uma tristeza assim, fiquei sem chão, fiquei perdida e a outra fiquei aliviada porque ele ficou oito anos como um bebê ne? Na. cadeira de rodas, não comia, não falava, não andava, usava fralda, e ele tava definhando muito”.

P2-” Olha no começo foi até difícil, eu sempre fui uma pessoa independente. Só que mesmo independente, quem pagava as contas tudo era o meu marido, recebia todas as contas era o meu marido, eu não sabia o que era um imposto, eu não sabia o que era o preço de uma conta de luz, o telefone. Então pra mim depois assim foi um começo difícil”.

P3-:” Foi bem impactante”. “Pelo fato de eu me ver, de repente , sozinha com todos os compromissos que eu desconhecia até então, tendo que aprender, é como uma criança aprendendo a andar, foi o que me aconteceu. Eu tive que aprender dia a dia, uma... surgia um novo problema, tive que aprender a resolver aquele problema, outro que surgia eu tive que aprender. Então foi um aprendizado”. “Eu me sentia nos primeiros meses então, nossa chegava final de semana eu ia pro cemitério ficava o dia inteiro lá”. “ Depois que eu superei, que demorou, demorou uns dois anos, sabe. Foi até então, nossa eu ficava aqui nessa casa chorava coisa e tal”.

SENTIDOS DA INDEPENDENCIA NA ATUALIDADE

P1- “ Eu sinto eles assim, sempre alerta. Só que quando sou muito dura com as coisas eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu. Inclusive eles me deram um celular, fica desligado. Aí eles brigaram. Mãe, porque que você tem celular? Ué porque vocês me deram pra mim usar. E por quê não deixa ligado pra gente ligar? Ué mas você deu pra mim usar, não pra você? E não ta ligado, não saio não ligo. Ligo só quando vou em algum lugar assim que pode se preocupar, eu ligo. Assim, eu sou muito independente!”. “Não, eu comunico e falo com quem eu vou. Tudo bem mãe, posso pagar tua passagem? Se quiser pode. Mas se vê ano passado eu fui pra Bahia, Porto Seguro, fiquei dez dias, outro dia eu fui fazer aquela viagem de navio, com uma outra amiga, foi cinco dias. Eu faço, tendo uma companhia que considero boa que seja boa companhia pra mim também ne?”. “A pessoa agradável que brinca, que se anima pra sair, vamos ver tal coisa, vamos, vamos ver outra coisa, vamos, vamos tomar um barquinho, vamos, sim!”. “Eu gosto, gosto de conversar, gosto de ver, gosto de comer coisa diferente”. “Assim do jeito que eles vão fazer comigo não. Que você dar satisfação, vou sair, vou ali, vou na padaria, ah eu não gosto, não queria

viver assim não”. “ Eu acho. Eu acho que quem cuida da pessoa não sofre tanto como a pessoa é cuidada. Eu penso que é muito humilhante”.

P2 - A.: Logo recuperei. Logo me senti, assim, como se diz obrigada a fazer, eu tinha que me decidir, não podia... eu não ia me entregar aos cuidados dos meus filhos. Eu sou assim. Eu estou com 20 anos viúva. Eu nunca precisei, graças a Deus, eu nunca cheguei num filho pra falar, me arruma cinco reais? Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não me ocupam, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega”. Então eu nunca precisei chegar neles pra falar, eu to apertada por isso. Mesmo médico, eu to com 78 anos, médico, eu tive um problema de mama que eu fui... eu me virei sozinha, não falei pra ninguém, resolvi todo o meu problema sozinho, quando foi na última hora precisava fazer uma biópsia, e falaram que precisava de acompanhante. Falei, Jesus e agora, o que que eu faço? Fui obrigada pra me socorrer, mas não falei o que que era.” “Eu não falo pra ninguém. Eu saio daqui, eu vou daqui pra Santo Amaro, eu vou daqui pra Vila Mariana, eu vou daqui pra Santana,

P3- I.: Não não são de interferir não. E também eu não permito ne? E também eu não permito não, porque eu acho que sim, se eu fosse uma pessoa boba de tudo, sei lá eu, que não pensasse, que não tivesse juízo, eu acho que até aí, mas pô!”. “Eu só aviso que eu vou pra tal lugar. Eu não peço permissão. Eu aviso, eu falo olha tal dia to indo pra tal lugar. Levar celular... liga é isso ne? Ta bom, levo celular, vou tal e tal... quando você chegar você me avisa. Então eu chego, a hora que chego lá no lugar eu ligo, olha cheguei ta tudo bem, a viagem correu bem”. “ Nossa, pelo meu jeito de ser! Nossa eles são muito felizes por isso. Eles aceitam, eles acham que mesmo que tem que ser assim mesmo. Que eu tenho que ir pra frente, fazer o que eu tenho vontade, eles estão de acordo com tudo isso. Porque eles acham que assim a gente vive. Não vive como as viúvas de antigamente, mas morriam elas também ne. Hoje em dia não, morre a gente continua vivendo. ” “Não nunca tive ninguém, não pretendo, a minha mãe sempre falava quando ela... a minha mãe ficou viúva com quarenta e poucos anos, 42, 43 por aí e a gente sempre falava ah mamãe porque você se não... ela não, marido é um só. Se o primeiro foi bom você não deve arriscar, você pode pegar um peste. Se o primeiro for ruim, não arrisca de novo que pode pegar outro peste. Então casamento é um só”.

que ontem mesmo eu fui, em médico eu vou em todo lugar, fazer os meus exames, fazer tudo”. “Levo o celular, falo se precisar me liga. Se é às vezes alguma coisa que ... se eu vou viajar, qualquer coisa, aí sim. Aí eu ligo, falo eu não estou, amanhã, assim, assim, assim, mas a minha filha me liga quase todo dia e... mas dificilmente só se for um passeio assim que eu vou, alguma coisa que eu vou longe, mas se for durante o dia assim que eu vou sair, cai me machuquei outro dia, cai um tombo, to com o joelho todo roxo ainda. Levantei vim embora”.

A IMPROPRIEDADE DE SER E O PAPEL CULTURAL DA ESPOSA/MAE

P1 –“É, porque eu sempre acompanhei muito assim, eu sempre fiquei muito de castigo, eu não tive chance de estudar. Então o meu marido achou que eu deveria ficar em casa pra cuidar das crianças cuidar da educação, com alimentação, tudo isso e ele batalhando pra dar o resto. Então ele

conseguiu todos eles estudaram e assim, queria meus filhos não tristes como eu fui. Queria eles alegres, felizes”.

P2 – “Desde que eu me casei eu me via assim: eu tinha... sempre eu tive com a minha família os horários pra tudo. Tinha horário pro café da manhã, horário do almoço, horário do café da tarde, horário da janta, tudo no horário certinho, meu marido chegava em casa encontrava meus filhos todos tomado banho já, a janta ele chegava, quando ele chegava, enquanto ele tomava o banho dele, eu já punha na mesa, a gente sentávamos todos juntos, jantávamos juntos. Então era um compromisso que eu tinha comigo, comigo. Isso aí eu nunca deixaria”.

P3 – “Meu pai.... não, a minha mãe sempre em casa cuidando dos filhos, sabe, nós éramos muito pobres, então ela lavava uma roupinha ali, tudo escondidinho do papai porque ele era tipo machão também, entendeu. Naquela época era difícil ser mulher”. “ Porque naquela época o marido estava doente. Eu cuidava dele, cuidava de três netas, as gêmeas e a irmãzinha. Eram quatro pessoas aqui em casa que dependiam de mim pra tudo. Comida, banho. Eles precisavam sair era eu que saía, era eu que limpava a casa, era eu que lavava a roupa era eu que... sabe, então eu não tinha tempo”. Porque na época eu sempre fui uma criança que eu sempre fui muito... como é que eu posso dizer, assim, eu não era atirada, entendeu, eu era muito obediente. Porque o papai era militar, então nossa, regras em casa. Então eu era muito obediente. Então se você já nasce com uma pessoa te comandando, aí você casa com uma outra que continua o comando, então você se torna obediente. Você continua obediente. Então eu não tinha autonomia pra nada. Eu te falo que eu lavava, passava mas isso era coisa de mulher, era coisa que eu tinha que resolver. Eu resolvia. Agora financeiramente era ele. Então, fora como assim, pagar conta, ir pra banco eu nem sonhava como fazer isso. Nem sonhava”. “ Porque não era só o trabalho, ele dava, mas eu sabia como... eu não considerava aquilo trabalho, considerava aquilo consequência, entende? Mas ao mesmo tempo que ele dava trabalho, ele também era muito companheiro, ele era um homem super inteligente, era um homem muito culto. Então era gostoso conversar com ele. Então eu, certo às vezes eu vivia cansado assim, não vou dizer que não porque pra mim não foi fácil cuidar de neto e de um marido doente que dependia de mim 24 horas e com criança chorando também do lado, as gêmeas da mesma idade, a outra que veio dois anos depois, sabe, então foi muito desgastante pra mim. Mas nem por isso eu... se eu pudesse voltar atrás eu voltaria”.

3 – A FAMÍLIA E SEUS PAPEIS

(O papel do idoso na família de infância –Papeis do membros da família no cuidado com o idoso - Papel dos filhos na viuvez – Percepção do papel da família atual – Percepção da família nos novos relacionamentos pessoais e emocionais)

O PAPEL DO IDOSO NA FAMÍLIA

P1- “Ah ficava dentro de casa implicando com a gente, com as crianças. Naquela época não trabalhava depois que se aposentava. O meu padraço já não, ele trabalhou até os 70 anos e só parou pra me ajudar cuidar dela. Então ele foi diferente. Agora o que eu lembro do meu avô parou de trabalhar, ficava em casa implicando, brincando, plantando, fazendo essas coisinhas assim...”.

“**M.:** Sim, meu pai eu não tinha e minha mãe trabalhava muito, também ela... minha mãe optou em ser dura comigo pra mim... que nem ela falava não sair do caminho. Então o carinho tudo era meus avós, meus tios, essa minha tia velhinha, que às vezes assim, festas ela dava um dinheirinho pros sobrinhos. Então dava um real, seria um cruzeiro, pra mim dava cinco.”

P2- “Eu não sei porque aquela época a gente não dá pra perceber assim, porque a pessoa na época o velho, o idoso, uns trabalhavam direto até quase que na hora de morrer. Era roça, era tudo, via eles assim, mesmo aqui. Outros, às vezes se acomodavam, e a gente via... eu sempre vi o ser humano normal. Eu nunca achei que um tava errado, outro tava certo, que não gostasse de um, não gostasse de outro, eu nunca vi assim”. “Não, não conhecia porque o meu avô, no caso o pai dele, ele era tão carinhoso com a gente, meu pai nunca chegou pra dar um beijo num filho, um abraço num filho. Ele só sabia dar bronca, só sabia chamar atenção, só sabia olhar de lado pra você sair de perto dele.”

P3- “ Mas a... eu não sei a função, meu avô era um homem muito carinhoso, sabe, e era muito... a gente chegava parecia que tinha chegado o rei da Inglaterra, princesa, coisa e tal”. “Eu acho, eu acho sim. Pelo menos o que eu recebi das pessoas idosas foi só carinho, só amor. Eu jamais fui ofendida por uma pessoa mais idosa. Jamais”.

PAPEIS DOS MEMBROS DA FAMÍLIA NO CUIDADO COM O IDOSO

P1- “A minha avó viveu muito na cama. **S.:** Quem cuidava? **M.:** As filhas”. “ Todos os dias eu descia de manhã fazia o serviço da casa da minha mãe. Lavava, passava, cozinava e dava o almoço. Aí eu subia pra dar o almoço pros meus filhos que estava chegando da escola e cuidava da minha casa”. ““Não, meu irmão na época era recém casado, a mulher dele era meio possessiva, era difícil. Ele visitava assim rapidinho na hora da... no meio do trabalho ele dava uma olhadinha nela”. “(visitava a mãe) de vez em quando”.

P2- “.: Eu acho que praticamente, praticamente os homens não tinha”. “Toda (responsabilidade) era da mulher. Você vê que inclusive nós, os filhos, as filhas, revezavam, e os filhos, nunca ninguém falou, vou ficar pelo menos um dia durante o dia com ela, pra cuidar”. “ Não... às vezes que fazia opção. É que às vezes os outros tiravam o corpo fora e então você pegava o lugar daqueles. Não era

bem uma opção porque a gente tinha os compromissos da gente também, como os outros tinham. Às vezes menos que eu. Porque na época só eu de mulher, somos duas irmãs, as cunhadas só eu trabalhava fora, mas só eu cuidei”. “Eu acho que na época era uma obrigação, hoje sei lá, acho que hoje não é obrigação, porque ninguém acha que é obrigação”. “As pessoas acham que não tem. Que abandonam muito, abandonam muito o idoso, eles ponham em asilo, não vão visitá-los, meu Deus do céu!”.

P3 – Não respondeu.

O PAPEL DOS FILHOS NA VIUVEZ

P1- “Ah nem sei como te dizer. Eles estão sempre presente. Só que eu sou uma pessoa que eu evito ficar dependente. Então assim, só em último caso que eu falo alguma coisa que possa preocupar”.

P2- “Não, agiram normalmente igual vinha já agindo antes. Eles sempre agiram...”. “.: Não, não mudaram. Não, o papel que eles sempre tiveram foi que.... um papel que acho que devem ter, não sei, se acham que é obrigação, se acham que vem porque gostam, não sei, todo fim de semana, todo domingo eles vem todos pra cá, a tarde”.

P3- “Nossa, muito presentes. Sem eles eu acho que não teria, sem eles, sem meus netos, acho que não teria conseguido sobreviver mais”. “ Meus filhos foram nota dez até hoje eles são. É de um cuidado inacreditável. Até cansa”. “ Eu tive que aprender. Por isso que eu tinha receio que acontecesse alguma coisa com ele e eu ficasse sozinha porque ... eu tinha certeza quando ficar sozinha eu ia desmoronar, eu ia ficar perdida no mundo. E no início foi assim. Apesar de ter todo o apoio dos meus filhos, e meu filho ensinar como mexer nos cartãozinhos, como fazer isso, me levou no banco em todo quanto era lugar que precisava ser feito eu ia, era eu quem tinha que estar presente ou então ele falava, não mãe pode deixar que eu resolvo pra você. Então assim foi indo, foi indo até eu me soltar. Graças a Deus agora eu já sei de tudo”.

PERCEPÇÃO DO PAPEL DA FAMÍLIA ATUAL

P1- “. “Então assim, de proteção mas não é de muito de ficar encima ... vem aqui toda hora, essas coisas. Moram no Paraíso. Ele vem, quando ele vem vem com a felicidade total”. “Mas ele dependendo dos compromissos dele, às vezes fica quinze, vinte, trinta dias sem vir. Mas eu não sinto que seja um abandono”. “Eu sinto eles assim, sempre alerta. Só que quando sou muito dura com as coisas eu não deixo eles me paparicarem, ou me proibirem, ou me mandarem. Eu quero ser eu. Inclusive eles me deram um celular, fica desligado. Aí eles brigaram. Mãe, porque que você tem celular? Ué porque vocês me deram pra mim usar. E por quê não deixa ligado pra gente ligar? Ué mas você deu pra mim usar, não pra você? E não tá ligado, não saio não ligo. Ligo só quando vou em algum lugar assim que pode se preocupar, eu ligo”.

P2- “Logo recuperei. Logo me senti, assim, como se diz obrigada a fazer, eu tinha que me decidir, não podia... eu não ia me entregar aos cuidados dos meus filhos. Eu sou assim. Eu estou com 20 anos viúva. Eu nunca precisei, graças a Deus, eu nunca cheguei num filho pra falar, me arruma cinco reais?

Então eu sou independente. E eles também, sabendo que eu sou assim, eles também não me ocupa, não... eles falam, se a senhora precisar mãe, chega". ".: Eu fiquei tão feliz, eu fiquei tão feliz, eu não sei, uma sensação... não sei, que eles me amam, sei lá, me consideram, sei lá. Porque tão ali junto comigo do meu lado, um ajuda fazer uma coisa, outro ajuda fazer outra, outro dá opinião, sei lá, eu acho gostoso". "O papel deles pra mim, eu gostaria que estivessem sempre presente, mas não podem, paciência. Então é... como se diz, pra mim, se eles precisarem de mim a hora que precisar eu to disponível, isso eu tenho certeza".

P3- "Olha, é muito importante a minha família toda porque... como agora eu sou sozinha, eu me sinto feliz por ter uma família como eu tenho". "A minha família é assim toda unida. Teve uma época que houve pega pra capa dali, sabe... ". "entre os agregados. Agregados quer dizer nora e genro, ne, não vai aparecer, não vai, então... Nora e genro. Então sabe, quando a pessoa, você... a tua família tem um jeito de ser, tem uma certa personalidade. Agora se entra outro de fora, já é um outro mundo deles e é quando às vezes entra em atrito, mas graças a Deus já esse período ruim já passou, hoje em dia se fosse sinceros ou não a gente não pode falar nada mas ta tudo bem aparentemente ta tudo legal, eu me sinto muito feliz, meus filhos são muito unidos, sabe, então tudo o que eu preciso eles estão presentes, tudo que um ou outro precisa, um ou outro ajuda, precisa, ta ali presente. Então agora essas coisas, rusguinhas sempre tem mesmo ne?". "Mas num modo gera eu to muito satisfeita com a minha família e elas são muito importantes, ela é muito importante pra mim".

PERCEPÇÃO DA FAMILIA PARA OS NOVOS RELACIONAMENTOS PESSOAIS E EMOCIONAIS

P1- "Uma total liberdade. Apesar que dependendo a pessoa eles não querem que eu saia. Eles acham que a pessoa... eles querem que eu me divirta, que eu saia, que eu passeia mas eles não quer me ver que nem essas senhorinhas por aí não. (risos)". "Muito assanhadas". "Só querem namorar, beijar na boca". "Os senhorinhos, primeira pergunta que ele faz pra você é, se tem renda?". "É. Pra poder chegar perto, senão eles não querem. E aqueles bailes muito esfrega, esfrega, muito pega pega, eu não gosto". "Não pode ser vulgar".

P2- "... eles acham que eu tenho a plena liberdade e direito se eu quisesse ter um relacionamento, ter uma pessoa na minha vida que eu pudesse... que eu não devia ficar sozinha. Que eles só iam se opor se um dia eles vissem que a pessoa não era digna de conviver comigo. Do contrário, era liberado". "...meu filho me viu arrumada, tudo e não falou nada. Meu filho que mora em Ribeirão Preto, ele chega aqui, se ele vê, mãe pode ir no baile viu, vai no baile. Não vai se prender por mim não, porque eu vou lá pra casa do Carlos que é o meu genro. Pode ir. Às vezes eu me arrumo, ele fala assim, eu levo a senhora até lá. Já me levou até no baile, tudo". "mas eu não queria, sei lá, sabe eu tinha cisma dos meus filhos. Aí eu falei pra minha nora. Se vê como que é, eu tinha apoio. Falei pra minha nora. Conte pra ela ne. Ela falou, não dona Aurea, a senhora não tem cachorrinho. Eu penso muito no Wilson, que Wilson é mais machista. Ela falou, o Wilson pode deixar que eu dou um jeito nele, ela falou. Me deu pleno apoio". "Wilson, eu acho que não ia aceitar que eu... eu acho que ele tinha um pouco de ciúme de mim, como filho sente ciúme, sei lá, eu senti nele foi isso, eu senti".

P3- "Não, não amizades eu continuei com as mesmas daqui, só que assim com mais liberdade de sair pra conversar, pra me entrosar melhor porque antes não dava. Agora hoje em dia eu tenho o meu tempo a bessa. Então já sou uma pessoa mais aberta, freqüento muito igreja e coisa que na época

não dava também devido aos problemas, então eu freqüento igreja, vou passear, faço passeios com a igreja, junto com uma vizinha minha que eu tenho amiga aqui, sabe, ela é viúva também. Então a gente se une... “. “Não são de interferir não. E também eu não permito ne? E também eu não permito não porque eu acho que sim, se eu fosse uma pessoa boba de tudo, sei lá eu, que não pensasse, que não tivesse juízo, eu acho que até aí, mas pô?”. “.: Então não, mas eu, não, viajo, passeio, só eles não interferem em nada, em nada, em nada. Eles só pedem, toma cuidado, toma cuidado, mãe. Só isso”.

4 – MOVIMENTOS SOCIAIS E RECASAMENTO.

(Sentido dos movimentos sociais da Terceira Idade – Constituição de nova família na atualidade)

SENTIDO DO MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE

P1- “Trabalhar com velhinho, tratar bem, dar carinho”. “ S: Você mais do que freqüentava, você coordenava grupos de terceira idade, de passeios pela igreja...M: Sim”. “(cuidava) **M.:** De tudo...” . “... Inclusive ver na hora do almoço quem conseguiu pegar o seu prato foi sozinho, às vezes se pega um com pratinho na mão e olhando aonde vai sentar e não consegue e ir lá ajudar, botar o lugar que eles queriam no ônibus com a pessoa que eles queriam”. “(era importante)... **M.:** Pra deixar eles felizes. Porque já sofreram muito”.

P2-“.: Sei lá, uma independência maior do que eu já tinha”. “Teve gente que me deu até apoio no baile mesmo. Teve gente ... quando arrumei esse relacionamento as pessoas... eu não queria. Eu tava com um ano que eu era viúva, que eu comecei a dançar com dois anos de viuvez”. “. A dona lá do baile, a diretora lá toda, ela falava fica com ele, depois de seis meses é que a gente acertou. Ela falava, fica com ele, ele parece que gosta tanto de você. Às vezes eu chegava lá, às vezes não, eu chegava lá sempre a minha entrada estava paga, ele... às vezes trazia até flores punha na mesa.”

P3-“.: Fez, me ensinou a me soltar, entendeu. Me ensinou a me soltar e conversando com outras pessoas que normalmente se vai nesses passeios essas coisas se vai com pessoas estranhas, aí você faz novas amizades, então você ouve uma coisa, ouve outra, então você vai ficando mais alerta. Outras pessoas que já estão mais viúvas há mais tempo, e que são mais atiradas tem um temperamento diferente. Então não, desse jeito que ta, dela é melhor do que do meu”. “ Ah sim, sem dúvida, sem dúvida, eu mudei muito o meu comportamento, hoje em dia”. “ Mudei, mudei sim. Hoje em dia sou uma pessoa mais dinâmica, porque eu era muito podada. Eu era muito podada. Entende. Em tudo, em tudo, em tudo. Como eu te falei, pai militar, marido poderoso, então deu no que deu. Eu era uma bobinha, tinha medo de tudo”. “Mas não foi difícil não, porque independência é tão bom, menina. (risos)”. “ É como você acordar de um pesadelo. É como você acordar... é a mesma

coisa você abrir a gaiola, passarinho voar. Quando eu percebi, sabe o que eu passei o período de luto de peso que de repente lá um dia eu acordei, pensei: Não! Vou mudar a minha vida. É como se eu tivesse saído de uma prisão. Foi muito bom”.

CONSTITUIÇÃO DE NOVA FAMÍLIA NA ATUALIDADE

P1- “Impensável! Não cogito de jeito nenhum, nem cogitei dez anos atrás. Eu sinto falta de companhia. Não to falando que sinto falta de homem, eu sinto falta de companhia. Porque eu tenho lugares que sempre andei sozinha, ou pegar um amigo, hoje em dia tá perigoso você sair à noite, essas coisas eu sinto falta de companhia. Só. Mas casamento, relacionamento não. “ .

P2- ““Pra gente nova acho que é válido. No meu caso, como se diz né, no meu caso se fosse pra casar, um relacionamento, uma boa pessoa... até me casaria. Pra ter uma pessoa presente, porque independente de qualquer coisa, a solidão é a pior coisa que tem.”

P3- “Não, negativo, fora de cogitação”. “ Sosseguei! Sabe aí eu acho que a liberdade foi tão boa que eu nem penso nisso. Nem penso e é muito bom, porque esse negócio você fica também assim... comprometida com alguém, que se tem que falar o horário, ter que pedir permissão pra ir... não! Nunca mais! Não quero não! Chega marido é um só. Se o primeiro foi bom você não deve arriscar, você pode pegar um peste. Se o primeiro for ruim, não arrisca de novo que pode pegar outro peste. Então casamento é um só”.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição das entrevistas e áudio gravados em mídia eletrônica a parte.